

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MARCOS ELIAS DA SILVA

***AS DIRETAS JÁ* NO RIO GRANDE DO SUL**

**Porto Alegre
Novembro de 2013**

MARCOS ELIAS DA SILVA

AS DIRETAS JÁ NO RIO GRANDE DO SUL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História, Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós

Banca de Avaliação:

Prof. Adolar Koch

Prof^a. Silvania Rubert

Porto Alegre
Novembro, 2013

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão da literatura da Campanha das Diretas Já no Rio Grande do Sul. Movimento político ocorrido em 1984, que teve enorme transcendência política e uma grande participação popular, contando com as mais variadas parcelas da sociedade civil. Considerando a vigência, ainda naquele contexto, de uma ditadura civil militar onde os direitos individuais haviam sido retirados da população, tal movimento configurou-se num exercício expressivo de cidadania em busca da tentativa de restauração plena da democracia. O trabalho se sustenta a partir de pesquisa bibliográfica bem como de um conjunto de entrevistas realizadas com os principais protagonistas políticos daquela conjuntura no Rio Grande do Sul, entre eles os Senadores Pedro Simon, José Fogaça, os ex-governadores do Estado do Rio Grande do Sul Alceu Collares e Olívio Dutra e o ex-presidente do CPERS professor Paulo Egon. Complementarmente foi utilizada a crônica jornalística da época, fundamentalmente os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo*. Sendo assim, através destes elementos acima referidos, tornou-se possível, resgatar uma parte da memória deste importante período histórico do Brasil. A grande participação popular que apoiou este movimento político tornou o povo brasileiro protagonista ao vivenciar sua cidadania com coragem e determinação. Dessa forma, pretendemos contribuir no preenchimento de uma laguna historiográfica ainda muito expressiva, diante da importância política que a Campanha das Diretas Já teve no Rio Grande do Sul.

Palavras Chaves: Diretas Já; Participação popular e Democracia.

AGRADECIMENTO

Nesta oportunidade quero expressar minha gratidão àqueles que contribuíram para a execução deste Trabalho de Conclusão de Curso. Primeiramente agradeço a Deus pelo privilégio de estudar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma das melhores universidades do Brasil. Durante seis anos convivi com professores dedicados pelos quais aprendi que a Educação é um caminho estreito e que só por ele hão de trilhar quem tiver a sede do saber. Minha gratidão e consideração. Aos funcionários sempre prestativos e aos colegas esforçados no intuito de aprender mais, minha palavra de gratidão. Agradeço aos senadores Pedro Simon, José Fogaça, ex-governadores Alceu Collares e Olívio Dutra e ao professor Paulo Egon ex-presidente do CPERS/Sindicato. A contribuição dada por estes protagonistas, através das entrevistas, foi fundamental para a elaboração deste trabalho e servirá de fonte para futuras pesquisas. Agradeço a minha esposa Traudi, meus filhos Anderson e Francine por sua compreensão e apoio nesta jornada. Minha gratidão em especial ao Professor e Doutor Enrique Serra Padrós, ao orientar este projeto de pesquisa não poupou esforços. Sua paciência, sabedoria e sensibilidade contribuíram em muito para a concretização deste trabalho. Aos meus colegas de Curso que sempre deram seu apoio demonstrado nas atitudes de companheirismo e amizade. A todos que contribuíram a nossa gratidão e desejo sincero que as mais ricas bênçãos do Senhor Jesus sempre repousem em suas vidas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1 DIRETAS JÁ: UMA BANDEIRA NACIONAL DE LUTA.....	10
1.1 O movimento Diretas Já no Brasil.....	10
2 DIRETAS JÁ NO RIO GRANDE DO SUL: A PERSPECTIVA DOS PROTAGONISTAS.....	18
2.1 Senador Pedro Simon.....	19
2.2 Senador José Fogaça.....	24
2.3 Olívio Dutra.....	26
2.4 Alceu Collares.....	28
2.5 Paulo Egon.....	30
3 A CRÔNICA JORNALÍSTICA DAS DIRETAS JÁ NO RIO GRANDE DO SUL.....	34
3.1 12 de abril de 1984: O dia prévio.....	36
3.2 13 de abril de 1984: O dia do comício.....	38
3.3 14 de abril 1984: O dia seguinte ao comício.....	40
CONCLUSÃO.....	46
BIBLIOGRAFIA.....	49
PERIÓDICOS.....	50
ENTREVISTAS.....	51
ANEXOS.....	52

INTRODUÇÃO

Depois de quase 20 anos de regimes democráticos, após o fim do primeiro período sob o comando do presidente Getúlio Vargas (1930 a 1945), o poder no Brasil foi tomado pelos militares que derrubaram o governo democrático de João Goulart, em 1964. Após o golpe de Estado, o regime assumiu sua feição mais repressiva a partir de 1968, num processo descrito por muitos como um golpe dentro do golpe, com a instauração do Ato Institucional nº5, (AI-5) que concedeu imensos poderes ao Executivo federal e limitou os direitos individuais, inclusive com a suspensão da garantia de habeas corpus (FAUSTO, 2006). Nos anos seguintes, o autoritarismo do regime político chegava ao seu auge justamente no momento em que a economia brasileira dava sinais de crescimento, o que, de certa forma, legitimava o discurso governista. Esse panorama se estendeu até o final de 1970, quando então a ditadura militar passou a assistir a um processo de abertura lenta e gradual, aliando o desgaste de diversos fatores políticos e econômicos que iam corroendo as bases do regime com a intenção do próprio governo Geisel, de paulatinamente levar o país a um Estado democrático de direito através de um processo seguro e controlado.

A transição para a democracia, que só será concretizada na segunda metade da década de 1980 foi marcada por uma forte desagregação do regime. Assim, no início de 1983, o então desconhecido Dante de Oliveira, deputado federal eleito pelo estado do Mato Grosso, redige o que se transformaria na peça institucional que mobilizaria as forças oposicionistas ao regime.

A Campanha em favor das Diretas Já (1983-1984) apoiava a emenda Dante de Oliveira, que tinha como objetivo a eleição direta para presidente da República. Coordenado por um grupo suprapartidário, que incluía políticos, artistas, membros da Igreja Católica e representantes de movimentos sociais, a Campanha reuniu milhares de pessoas em comícios e passeatas, onde quem mais se destacava era a população, que sabia se manifestar com ordem e alegria. Dessa forma, a campanha pelas Diretas Já, transformou-se “num cenário de vozes e personagens, onde o povo foi elevado à categoria de possível herói e personagem atuante no processo de mudança da vida política do Brasil” (JESUS, 2009, p.1).

O tema proposto para este trabalho de conclusão de curso é a campanha das Diretas Já no Rio Grande do Sul, sob as perspectivas dos protagonistas que tiveram participação ativa e decisiva no rumo desta campanha. Segundo um dos entrevistados, Senador Pedro Simon se falava abertamente em política no Brasil aqui no Rio Grande do Sul, sendo a Assembleia Legislativa um espaço público e aberto para isso. Segundo Simon, no congresso do MDB

(1977), que reuniu em Porto Alegre todos os movimentos de oposição à ditadura civil-militar, pela primeira vez, o tema das *Diretas Já* foi escolhido como prioridade na luta pelo retorno à democracia. Sendo assim, o embrião das Diretas Já nasceu no Rio Grande do Sul.

Ainda com o intuito de enriquecer este trabalho acadêmico pesquisamos a crônica jornalística. Escolhemos como fontes os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* e através deles acompanhamos a mobilização, particularmente o grande comício realizado na cidade de Porto Alegre no dia 14 de abril de 1984.

Diante de tal movimento que reuniu em todo o país milhões de pessoas nas ruas, praças, comícios e passeatas num período de importante repressão, onde a liberdade de expressão fora tirada após o golpe de Estado e com o agravamento produzido pela instauração do AI 5, o povo, de uma forma organizada e pacífica, denunciou a ditadura, exigiu o fim do período discricionário e clamou por eleições Diretas Já, direito constitucional que fora tirado da sociedade brasileira (votar para presidente da República em eleições livres e direta). Esta foi a consigna levantada pela demanda popular. Interessante destacar que no legislativo, a emenda teve a maioria esmagadora de votos mas a não aprovação da mesma deveu-se a um regimento constitucional que determinava ser necessária uma maioria de 3/5 dos votos. Isso significou que faltaram 22 votos para a sua aprovação. Entretanto, apesar da derrota da emenda parlamentar, o Brasil continuou mobilizado e numa aliança da oposição político-partidária com dissidentes governistas do PDS foi possível eleger no Colégio Eleitoral, Tancredo Neves, o primeiro civil que deveria ocupar a Presidência da República, após o golpe de 64. Este acontecimento serviu para interromper a escolha de oficiais gerais que durante cinco mandatos presidenciais revezavam-se no poder. Dava-se fim a um dos períodos mais difíceis e cruéis que a história recente do Brasil vivenciou. Indiscutivelmente, a Campanha das Diretas Já, foi um dos maiores acontecimentos políticos do país e permitiu antever a possibilidade de transformação econômica e social no Brasil.

Justifica-se este trabalho visto à importância desta temática, não ter sido explorada, ainda, como deveria, tanto nos meios acadêmicos quanto no meio político, sendo que ela foi um marco no resgate da democracia no Brasil. Salienta-se a considerável lacuna historiográfica existente sobre estes acontecimentos o que, de certa forma, se constitui em desafio concreto para encaminhar a pesquisa. Nesse sentido, temos por objetivo, de uma maneira humilde, contribuir para o resgate histórico do período e trazer uma maior compreensão deste movimento. Portanto, ao trazer a memória um dos maiores movimentos sociais que elevou a categoria de protagonista o povo brasileiro, desejamos despertar à

reflexão da importância quanto à participação popular e a cidadania nas decisões que norteiam os destinos de nossa nação.

A fim de alcançar os objetivos propostos neste trabalho, o método utilizado constituiu-se de pesquisa bibliográfica, bem como entrevistas realizadas com os principais protagonistas que fizeram parte da história da Campanha das Diretas Já. Para isto, entrevistamos o Senador Pedro Simon, Senador José Fogaça, Ex-Governador Alceu Collares e Ex-Governador Olívio Dutra, e o Ex-presidente do CPERS, professor Paulo Egon. Através de entrevistas os mesmos relatam particularidades vivenciadas no transcorrer da campanha. Experiências marcantes quando na organização e participação no maior comício ocorrido na história do RS.

Segundo Verena Alberti, a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de certos eventos, ou testemunharam acontecimentos; suas lembranças e visões de mundo contribuem no resgate ou esclarecimento de fatos como o mencionado neste estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Portanto, na proposta deste trabalho trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

Como dissemos e repetimos em um sem-número de debates em centros, universidades, encontros e congressos no Brasil e em outros países, a história oral é legítima como fonte porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas. O conteúdo de uma correspondência não é menos sujeito a distorções factuais do que uma entrevista gravada. A diferença básica é que, enquanto no primeiro caso a ideologia se cristaliza em um momento qualquer do passado, na história oral a versão representa a ideologia em movimento e tem a particularidade, não necessariamente negativa, de reconstruir e totalizar, reinterpretar o fato. A história oral tem também o mérito singular de introduzir o pesquisador na construção da versão, o que significa introjetar no documento produzido o controle sistemático da produção da própria fonte. Tudo isto, que pode parecer discussão meramente formal, pode ser em verdade constatado na prática e na práxis do próprio programa. E nos induz a afirmar que a contribuição da história oral será cada vez maior na sociedade do futuro, na qual as fontes não escritas tendem a perder terreno e as fontes orais vão se tornar cada vez mais confiáveis e fidedignas (ALBERTI, 2005, p.13-14).

Historicamente, esse método de aproximação do objeto de estudo não é nada recente. Já Heródoto e Tucídides lançavam mão de relatos e depoimentos para construir suas narrativas históricas sobre acontecimentos passados. Acontece que à época não se tinha o

recurso do gravador para registrar tais relatos e, portanto, transformá-los em documentos de consulta.

Entre tantas especificidades do trabalho com a história oral, resta falar da peculiaridade de seu registro, o fato de constituir um documento oral. Mesmo que seja transcrita, a entrevista de história oral deve ser considerada em função das condições e interpretação do passado atualizada através da linguagem falada. Nesse sentido, é sua característica se desenvolver em meio a recuos e evocações paralelas, repetições, desvios e interrupções, que lhe conferem um potencial de análise em grande parte diverso daquele de um documento escrito.

Assim, o trabalho com pesquisa oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo, enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo se considerar que há universos nas diferenças.

Além disso, foi realizada uma pesquisa nos jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo*, disponíveis no Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Dentre as principais fontes bibliográficas foram consultadas as obras de LEONELLI e OLIVEIRA (2004), KOTSCHO (1984), RODRIGUES (2003), entre outros diversos autores que também contribuíram para um melhor entendimento a cerca do tema proposto.

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo versa sobre o panorama nacional das Diretas Já. Encontramos neste capítulo como ocorreu o movimento no Brasil, bem como alguns dos principais desdobramentos políticos após a apresentação da emenda Dante do Oliveira no Congresso Nacional. O capítulo dois trata sobre as Diretas no Rio Grande do Sul sob a perspectiva dos protagonistas entrevistados. Tais entrevistas, totalmente transcritas são anexas no final do trabalho para que possam ser aferidos e consultados como fontes orais em futuras pesquisas. Acreditamos que isto é outra contribuição resultante desta proposta de pesquisa.

Finalmente, o capítulo três corresponde à cobertura do grande comício em Porto Alegre, abrangendo, para tanto, os dias 12 a 14 de abril de 1984. Escolhemos os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo*, os maiores periódicos do Estado, para acompanhar os preparativos, os acontecimentos prévios, assim como a avaliação e o posicionamento desses meios de comunicação escritos.

1 DIRETAS JÁ: UMA BANDEIRA NACIONAL DE LUTA

A democracia que o Brasil vive hoje permite que a população se manifeste livremente para reivindicar, seja através de paralisações, greves, passeatas e manifestações populares. Mas nem sempre foi assim, pois em alguns momentos da história brasileira, governos ditatoriais tolheram o direito à livre expressão. Considerando a história do Brasil contemporâneo, o governo civil-militar instaurado em 1964 foi um desses casos: população, imprensa, sindicatos, partidos políticos e entidades de classe não podiam se manifestar e sofreram punições diversas deste então e particularmente, após 1968. Uma das reações aos 20 anos de ditadura foi o movimento Diretas Já, onde os brasileiros das mais diferentes camadas sociais e profissionais puderam manifestar seu desejo: o da eleição direta para presidente da República em janeiro de 1985. Isso foi possível após a apresentação da emenda Dante de Oliveira que restaurava as eleições presidenciais diretas. Foi a partir deste momento histórico que a oposição organizou-se com a finalidade de divulgar sua proposta junto à sociedade civil e junto a esta, ocupando o Cenário Nacional e tornando-se agente de transformação da mudança na vida política do Brasil. Veremos, a seguir, como este movimento foi se desenvolvendo ganhando a simpatia e o apoio da população brasileira.

1.1 O movimento *Diretas Já* no Brasil

Dois fatos bem distintos marcaram a história contemporânea no Brasil: Ditadura e Abertura. A Ditadura Civil-Militar instaurada em 1964 é objeto de vários estudos e mesmo assim não foi totalmente esclarecida devido ao sigilo dos arquivos oficiais da época. Já a Abertura, que iniciou em 1979 com a aprovação da polêmica lei da Anistia política, marcou a mudança para o regime político social em que vivemos atualmente. Foi neste período que ocorreram as primeiras grandes manifestações públicas como greves, passeatas e comícios ainda sob condições discricionárias. Neste contexto enquadra-se o Movimento das Diretas Já, que apesar de ter sido iniciado na Câmara dos Deputados, sob a alçada do PMDB (LEONELLI, OLIVEIRA, 2004), mobilizou grandes grupos civis em prol de um objetivo comum, a eleição direta para presidente e vice do Brasil.

Segundo Skidmore (1988), a decadência e o final do regime militar brasileiro tiveram início no governo do presidente Ernesto Geisel (1974-1979), quando a sociedade começou a se unir e enfrentar a denominada “linha dura” das Forças Armadas exigindo, inicialmente, a

anistia aos exilados e presos políticos. Como fazia parte do projeto militar a redemocratização do Brasil, foi decretado o fim do AI-5 em 1978.

A ascensão à presidência de João Baptista Figueiredo (1979-1984) não modificou as necessidades dos brasileiros, que seguiam na busca da Anistia¹ e do fim do poder da “linha dura”. Skidmore (1988) relata que foi Figueiredo quem assinou a Anistia e o projeto do general Golbery do Couto e Silva que previa o fim do bipartidarismo em 1979. A anistia proporcionou o retorno ao Brasil de lideranças políticas importantes, como Leonel Brizola, Miguel Arraes e quadros do PCB, e PCdoB. A reforma partidária de 1979, que dividiu a oposição ao regime, fez nascer PT, PDT, PMDB e o partido do governo, o PDS. O aprofundamento da crise econômica aliada à ampliação da situação política, provocada pela incorporação de novos agentes, aos poucos ruía a legitimidade que o regime tinha logrado conquistar, em seu período de auge, junto a certos atores populares e a classe média. A maior recessão do País desde a década de 50 esboçara-se ainda em 1981, configura-se em 1982 e se aprofunda em 1983 (SKIDMORE, 1988).

Assim a economia brasileira estava num processo de deterioração, que vinha desde o esgotamento do chamado “milagre econômico” (1968 e 1973), e que entrava em profunda recessão no triênio 1981-1983. O crescimento do produto interno bruto (PIB) passou de 13,6% em 1973 para um índice negativo de 3,2% em 1983. Já a dívida externa aumentou de US\$ 12,6 bilhões em 1973 para US\$ 81 bilhões dez anos depois. A inflação beirava os 230% ao ano em 1983 contra 15,5% em 1973 (SKIDMORE, 1988, p. 222).

Diante deste cenário político, econômico e social, a organização de diversos atores sociais em torno da reivindicação por eleições diretas começa a ganhar forma no início de 1983. Em janeiro daquele ano, o então desconhecido Dante de Oliveira, deputado federal eleito pelo estado de Mato Grosso, redige o que se transformaria na peça institucional que, de certa forma, mobilizaria a correlação de forças oposicionistas ao regime. Segundo a denominada Emenda Dante de Oliveira, nome pelo qual ficou conhecida a proposta das Eleições Diretas Já, a mudança para um regime democrático devia resultar de ampla consulta popular. Nesse sentido, a proposta:

Dispõe sobre a eleição direta para Presidente e Vice-Presidente da República. As Mesas da Câmara e do Senado Federal, no uso das atribuições que lhes confere o art. 49 da Constituição, promulgam a seguinte Emenda do Texto Constitucional:

Art,1º. Os arts. 74 e 148 da Constituição Federal, revogados seus respectivos parágrafos, passarão a vigor com a seguinte redação:

1. O projeto assinado foi aquele aprovado pela base do governo no Congresso Nacional, que era diferente a outros pleiteados desde a oposição partidária e da sociedade civil, e que consagrava a impunidade ao decidir anistiar os crimes de Estado cometidos contra cidadãos brasileiros entre 1961 e 1977.

Art. 74. O Presidente e o Vice-Presidente da República serão eleitos, simultaneamente, entre os brasileiros maiores de trinta e cinco anos e no exercício dos direitos políticos, por sufrágio universal e voto direto e secreto, por um período de cinco anos.

Parágrafo único: A eleição do Presidente e Vice-Presidente da República realizar-se-á no dia 15 de novembro do ano que anteceder ao do término do mandato presidencial.

Art. 148. O sufrágio é universal e o voto é direto e secreto, os partidos políticos terão representação proporcional, total ou parcial, na forma que a lei estabelecer.

Art. 2º. Ficam revogados o art. 75 e respectivos parágrafos, bem como o parágrafo 1º do artigo 77 da Constituição Federal, passando seu parágrafo 2º a constituir-se parágrafo único (LEONELLI, OLIVEIRA, 2004).

Dante de Oliveira, em seu livro, “Diretas Já, 15 meses que abalaram a ditadura”, justificava o porquê da apresentação da emenda. Primeiro, porque buscava a restauração da tradição da eleição direta, em razão da mesma estar amparada pelo direito constitucional e por fazer parte das aspirações do povo brasileiro. Segundo, porque reconhecia as diferenças de legitimidade entre um representante escolhido pelo próprio povo (o qual apoiaria suas ideias e programas, fazendo com que o presidente eleito se vinculasse ao povo e com ele se mantivesse comprometido), ou escolhidos pelo Colégio Eleitoral, no qual as aspirações populares não tinham maior alcance, pois o presidente escolhido não tinha compromisso com o povo, estando ligado quase que exclusivamente às forças que o apoiaram e elegeram (Idem).

Visando reforçar a importância da emenda, o PMDB definiu na primeira reunião da bancada em 9 de março de 1983, a formação de uma comissão que elaboraria um plano de mobilização. A comissão era formada por Dante de Oliveira, Carlos Mosconi, Roberto Freire, Flávio Bierrembach, Ibsen Pinheiro e Domingos Leonelli. Ficou decidido que a campanha seria deflagrada pela direção do partido, o qual assumiria sua operacionalização. O passo seguinte, segundo o então deputado federal Ibsen Pinheiro, foi convencer Ulysses Guimarães, quem se incorporou na segunda reunião. Sobre este dia conta Pinheiro: “sentimos o seu ceticismo, igual ao nosso, quanto ao objetivo formal, mas percebemos também que ele desvelou, desde logo, o potencial político e parlamentar da proposta” (Idem). Ainda em março, o grupo parlamentar distribuiu um documento para todos os Diretórios estaduais do partido, desencadeando planejamentos regionais e ações locais. Em uma delas o setor jovem do PMDB do Paraná agendou para 17 de abril o lançamento da campanha no Estado durante a Convenção Estadual da Juventude.

Para manter o assunto em pauta, o que era um problema devido a terrível situação econômica que o país vivia nos últimos anos o principal tópico das discussões políticas era a

crise o grupo parlamentar usava de alguns artifícios como: os tempos de discurso na Câmara, a divulgação na mídia e no Congresso de toda e qualquer adesão política ou social ao movimento. Assim foi feito quando a Igreja Católica mostrou-se favorável ao movimento, primeiramente através da adesão do bispo baiano Dom José Rodrigues, e, em seguida, de Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB (Idem).

Um documento importante foi à ata da primeira reunião do grupo, a proposta aprovada na bancada no início de abril e levada à executiva nacional em 14 de abril de 1983. A resolução do diretório nacional dizia, em seu primeiro ponto:

Eleição do presidente da República em 15 de Janeiro de 1985 pelo voto direto, devendo a direção nacional do PMDB, constituir uma comissão de senadores e deputados coordenada com os diretórios regionais, municipais, demais partidos de oposição e setores representativos da sociedade, para empreender ampla e contínua campanha em todo o país [trecho retirado da ata da reunião], conforme (Idem, p.130).

Uma das mais importantes alianças políticas em prol no movimento das diretas aconteceu no mês de maio quando Ulysses Guimarães e o presidente do PT, Luis Inácio Lula da Silva, firmaram um acordo no qual o propósito era a unidade dos dois partidos de oposição em prol do movimento. Assim, como declarou o deputado Ulysses Guimarães em discurso na Câmara dos Deputados em abril de 1984, ocorria ali “o arco-íris da aliança entre os trabalhadores e a democracia” (Idem, p.153). Devido a seu envolvimento com as raízes do projeto e da emenda a ser votada, o PMDB assumiu a responsabilidade pela realização da campanha, com o apoio dos outros partidos de oposição: PT, PDT e os clandestinos PCdoB e PCB.

A partir de junho de 1983 a campanha ganhou as ruas das principais cidades e capitais do Brasil. Segundo Leonelli e Oliveira (2004), na primeira convocação oficial constava o cronograma inicial de manifestações, que incluía atos públicos em Goiânia (GO) no dia 15 daquele mês, Teresina (PI) no dia 24 e São Luis (MA) no dia 25, além de seminários em São Paulo nos dias 17, 18 e 19 e em Cuiabá (MT) no dia 20. Paralelamente, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e outros estados realizaram seus seminários. O primeiro comício das Diretas em Goiânia, reuniu cerca de 8 mil pessoas. Na época, os organizadores não tinham como mensurar o tamanho do evento e então optaram por duas alternativas: o ginásio da Faculdade de Economia, em caso de público reduzido, ou para maiores proporções, um comício a céu aberto, em frente ao ginásio, que foi o que acabou acontecendo. O comício em Teresina ocorreu no dia 26, e após este não pararam de ocorrer movimentações pelo país em prol das

Diretas, embora nem sempre a imprensa nacional desse a devida cobertura. Cuiabá (MT), Porto Alegre (RS), Piracicaba (SP), Ilhéus (BA) e Recife (PE) tiveram seus comícios e atos públicos, envolvendo ainda mais a população brasileira na campanha das Diretas (Idem).

O Dia Nacional do Protesto, que ocorreu em 21 de julho, parou diversas cidades do Brasil, principalmente São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e outros Estados. Este movimento, não ligado diretamente ao que o PMDB estava criando, destacou-se pela forte unidade das centrais sindicais, (CUT;CGT;CPERS), partidos de oposição e entidades civis (Idem, p.255).

Segundo Leonelli e Oliveira (2004), o primeiro comício de São Paulo ocorreu no dia 27 de novembro de 1983; aproximadamente 15 mil pessoas reuniram-se no Pacaembu. Nesse primeiro evento, promovido pelas centrais sindicais, não houve a união e adesão política que se seguiria nos meses seguintes, o que é justificado pela existência de um público bastante reduzido.

Em Olinda (PE), o comício de 5 de janeiro de 1984 realizado no Mosteiro de São Bento, reuniu 15 mil pessoas e deu início à campanha no Estado. Já em 12 de janeiro o calçadão da Rua das Flores, em Curitiba (PR), foi o palco de um comício para 50 mil pessoas. Nestes eventos, a recordação do primeiro comício, em Goiânia, reforçava a tese de quanto o movimento crescera em menos de seis meses. No dia 18 de Janeiro de 1984, a Ordem dos Advogados do Brasil, (OAB), no Rio de Janeiro, sediou a assinatura e o lançamento de um manifesto pró-Diretas assinado por 11 entidades de classe que juntas, reuniram mais de um milhão de profissionais liberais de todo o País. Apesar de ser considerada a segunda capital política do Brasil, (a primeira era Brasília), o Rio de Janeiro viu inicialmente apenas dois pequenos atos públicos a favor do movimento: uma passeata que saiu de Ipanema e outra no Méier, reunindo pouco mais de mil pessoas.

Um marco na história das Diretas foi o comício da Praça da Sé, em 25 de Janeiro de 1984. Nele, mais de 300 mil pessoas pediam a volta do direito ao voto direto para presidente. Com trechos transmitidos por algumas emissoras de televisão e ampla cobertura nos jornais do dia seguinte, foi um dos que mais mobilizou a população.

Em 14 de fevereiro o Comitê 25 de Janeiro, composto por artistas e intelectuais, lançou seu manifesto em um evento chamado Festa do Amarelo. Dessa forma, oficializaram o que já ocorrera no País, à adoção do amarelo como a cor das Diretas Já.

Dessa forma, o movimento das Diretas Já ganhava as ruas de todo o País, pois em 16 de fevereiro, reuniram-se 10 mil pessoas na praça central de Macapá (AP). Na época, a população da cidade era de 90 mil habitantes, o que aumentava ainda mais a importância

daquela manifestação. No mesmo dia, em Belém (PA), 60 mil pessoas reuniram-se na Praça Primeiro de Dezembro. Com o apoio do governador Jader Barbalho, todos os 82 municípios do Pará puderam se fazer presentes através de caravanas. No dia 19, sete mil dos 110 mil habitantes de Rio Branco (AC) participaram do comício, enquanto que no dia 20, aproximadamente 16 mil pessoas foram ao comício em Cuiabá (MT).

Em março, o governador Leonel Brizola inaugurou a primeira grande obra de seu governo, o Sambódromo, onde seria realizado aquele que ficou conhecido como o “Carnaval das Diretas”; assim, dava uma demonstração de como a Campanha tinha ganhado a simpatia do povo brasileiro, pois em todo o país o slogan das Diretas dominava o cenário e a temática do carnaval daquele ano. No dia 21 de março, houve uma passeata no Rio de Janeiro, que se destacou por não ter sido organizada pelo governo estadual e nem ter a presença de artistas. Mesmo assim, reuniu cerca de 200 mil pessoas na Avenida Rio Branco, entre a Cinelândia e a Candelária. Assim, o Rio de Janeiro deu uma resposta àqueles que afirmavam que os comícios e passeatas tinham sucesso porque contavam com a presença de artistas e o uso da máquina administrativa estadual. No início de mês de abril, a cidade de Cascavel (PR) realizou uma das maiores manifestações: 25% da população de 160 mil habitantes foi às ruas pedir eleições diretas. No dia 5, 80 mil pessoas promoveram em Recife (PE) a maior manifestação política do Estado nos últimos 20 anos. Este comício contou inclusive com o apoio do prefeito Joaquim Cavalcanti, do PDS. No dia 6, em Natal (RN), cem mil pessoas lotaram a Praça Gentil Ferreira. Goiânia (GO) recebeu novamente um comício das Diretas no dia 12, reunindo cerca de 300 mil pessoas na Praça Cívica. No dia 13 os comícios foram em Ipatinga (MG) e em Porto Alegre (nesta com aproximadamente 200 mil pessoas) (Idem). No comício da Candelária de 10 de abril, o Rio de Janeiro atingiu a casa de um milhão de pessoas em uma manifestação pelas Diretas. Naquela data o presidente Figueiredo estava em visita ao Marrocos e quando questionado sobre o comício, teria afirmado ao deputado pedessista Alcides Franciscato que se ele estivesse lá, seria a milionésima primeira pessoa. A frase fez estremecer o PDS, mesmo sendo desmentida pelo Palácio do Planalto dias depois. Sentindo o golpe do comício e abalados pela possível afirmação de Figueiredo, alguns deputados pedessistas chegaram a ventilar a hipótese de votar a favor da emenda Dante de Oliveira. (LEONELLI, 2004).

No dia 16 de abril, o Vale do Anhangabaú, em São Paulo (SP), sediou o maior comício da Campanha das Diretas. Com presença estimada de 1,5 milhões a 2 milhões de pessoas, a passeata/comício foi considerada como a maior manifestação popular da história do Brasil. Encerrava com chave de ouro um movimento histórico para a vida política do país.

Mais de um milhão de pessoas em silêncio, mãos entrelaçadas, braços para cima. Ao sinal do maestro Benito Juarez, da Orquestra Sinfônica de Campinas, a multidão cantou o Hino Nacional. Do céu caía papel picado, papel amarelo, a cor das diretas, brilhando à luz dos holofotes. No Vale do Anhangabaú, muita gente chorou. Houve momentos de emoções na maior manifestação popular já ocorrida no Brasil (*Folha de São Paulo, 17 abr.1984, capa*).

A reação dentro do regime começou em fevereiro de 1984, numa articulação de forças que pretendiam reagir ao movimento popular. Percebendo que o tema das Diretas Já se tornava cada vez mais unânime e, portanto, mais difícil de ser combatido ou negado, a ideia do governo era propor eleições diretas para o sucessor do sucessor de Figueiredo, adiando a reivindicação das oposições. A mudança de tática do regime parece de certa forma legitimar a Campanha das Diretas Já, reconhecendo a força do movimento popular de, inclusive, mudar a linha de ação que as elites autoritárias tinham tentado previamente traçar:

A medida é hábil e eficaz porque protege politicamente os congressistas do PDS contrários à Emenda Dante de Oliveira e desloca completamente o eixo da discussão. Todos são agora favoráveis às Diretas. Situação e oposição. A questão passa a ser Diretas Já para o sucessor de Figueiredo ou diretas para 1988 (COUTO, 1988, p.328).

Em 16 de abril de 1984, Figueiredo envia ao Congresso uma Emenda alternativa a Dante de Oliveira. Entre as alterações à Constituição, estava a proposta de eleição direta para presidente em 1988. Ao ser aprovada, a Emenda governamental reafirmava, dessa forma, que o novo presidente do Brasil a partir de 1985 seria eleito ainda por voto indireto. A data do envio da Emenda não poderia ter sido mais simbólica. Naquele mesmo dia, cerca de 1,5 milhões de pessoas estavam no mais apoteótico comício das Diretas Já, ao mesmo tempo em que Figueiredo anunciava, em rede nacional de televisão, a Emenda enviada ao Congresso.

Apesar do clamor civil visualizado durante toda a campanha, a Emenda das Diretas foi derrotada na Câmara dos Deputados na madrugada do dia 26 de abril. Faltaram 22 votos para atingir o quorum necessário para mudar a Constituição. A vitória do governo no Congresso definiu que a eleição para presidente seria mais uma vez de forma indireta, via Colégio Eleitoral. Mesmo com a derrota política da Emenda Dante de Oliveira, o Movimento das Diretas Já não perdeu seus louros, pois com ele a força da democracia que emergira da sociedade civil em todo o Brasil chegava a Brasília (Idem p.65). O apoio da população aos opositoristas, durante a campanha, motivou os integrantes do movimento a participar da eleição indireta que ocorreria. Assim, em maio, o governador de Minas Gerais, Tancredo

Neves, foi lançado candidato, tendo como vice em sua chapa e ex-presidente do PDS e dissidente do partido, José Sarney. Enquanto isso, o PDS ia se dividindo. A disputa para a sucessão de Figueiredo estava entre Paulo Maluf, Aureliano Chaves e Mario Andreazza. Saiu vitorioso nas prévias do PDS o deputado paulista Paulo Maluf. No dia 15 de Janeiro de 1985 Tancredo Neves foi eleito presidente pelo Colégio Eleitoral. Obteve 480 votos contra 180 de Paulo Maluf. Não chegou a ser empossado por motivo de doença e após sua morte, em 21 de abril, o vice José Sarney foi empossado presidente do Brasil.

Assim, vê-se em um estudo mais aprofundado, que o Movimento das Diretas Já embora não tenha conquistado o que buscava, se constituiu, mesmo assim, uma das maiores demonstrações de participação popular da história do Brasil. Creio que um movimento popular de tal proporção merece destaque, principalmente se considerarmos a época histórica em que ele ocorreu.

2 DIRETAS JÁ NO RIO GRANDE DO SUL: A PERSPECTIVA DOS PROTAGONISTAS

Como em todo o Brasil, o Movimento das Diretas Já iniciou calmo, em pequenos comícios, passeatas e seminários pelo interior do estado. O movimento era coordenado pelo deputado José Fogaça. Ele, juntamente com outros políticos, como Olívio Dutra (PT) e Alceu Collares (PDT), mobilizou os gaúchos a lutarem pelo seu direito ao voto direto para presidente.

Os sindicalistas e políticos de Porto Alegre tiveram grande importância no Dia Nacional do Protesto em 21 de julho de 1983. Apesar do grande aparato repressivo e da prisão de oito manifestantes, cerca de 10 mil pessoas ficaram em frente à prefeitura para depois dirigirem-se ao Palácio Piratini, acompanhados dos dois mil trabalhadores que liderados pelo deputado Paulo Paim, marcharam de Canoas até Porto Alegre para protestar. Nesta data destacou-se também a unidade dos partidos atrás de um objetivo em comum. Efetivamente, o palanque foi dividido entre Pedro Simon, do PMDB, Alceu Collares, do PDT e Olívio Dutra, do PT.

No dia 13 de janeiro de 1984 Porto Alegre sediou nova passeata que culminou com comício na esquina da Av. Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas, a “Rua da Praia”. Cerca de cinco mil pessoas acompanharam o ato, que contou com a presença de Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, do senador e vice-presidente nacional do PMDB Pedro Simon, do deputado estadual José Fogaça, que era o coordenador da campanha no Estado. Estavam presentes, também, o presidente regional do PT, Olívio Dutra, o deputado federal Odacyr Klein e outros políticos de oposição, além de artistas como Raul Cortez, Ruth Escobar, Martinho da Vila e a dupla Kleiton e Kledir. À tarde, Ulysses e Tancredo viajaram a cidade de Cachoeira do Sul, onde participaram de um seminário sobre eleições diretas e também de um comício. No verão, mobilizações ocorreram em todo o litoral do Estado. Em 19 de fevereiro as praias do município de Capão da Canoa sediaram uma caminhada de 50 mil pessoas, contando com as presenças de Pedro Simon, Olívio Dutra, o vice governador de São Paulo, Orestes Quércia, os deputados federais Sinval Guazzeli (PMDB) e Ayrton Soares (PT), o prefeito da cidade, Egon Birlen (PDT), e até um deputado estadual do PDS, Luís Possebon.

Em abril de 1984 o PDS não teve como ir contra o movimento. Devido à pressão, o governador Jair Soares liberou o funcionalismo público estadual para assistir ao comício das Diretas realizado na praça Montevideu, no largo da Prefeitura de Porto Alegre, no dia 13. No

auge do comício, por volta das 20 hs, o público ocupava a Av. Borges de Medeiros. Já o coordenador da campanha no Rio Grande do Sul, José Fogaça indica que havia mais de 200 mil pessoas.

Com a finalidade de avançar em nossa pesquisa, entrevistamos alguns protagonistas que fizeram parte deste período de nossa história, como Alceu Collares, ex-governador e líder do PDT, Olívio Dutra, também ex-governador e sindicalista, Pedro Simon, senador e dirigente do PMDB, um dos coordenadores nacional da Campanha das Diretas Já e José Fogaça, coordenador do Comitê no Rio Grande do Sul, ex-prefeito de Porto Alegre. Também entrevistamos o professor Paulo Egon, presidente do CPERS no período das Diretas. Nota-se, nestes depoimentos, a participação ativa, através da articulação e, principalmente, no nível de envolvimento de cada um deles. Esses detalhes agregam ao trabalho parte de conteúdo que a imprensa não registrou e que não consta na bibliografia consultada. Nestas entrevistas foi possível perceber o perfil destes protagonistas, sua percepção sobre os fatos assim como a influência de cada um deles no processo de condução da Campanha das Diretas Já no Rio Grande do Sul. Outro fator importante que merece ser destacado foi a união destes líderes da oposição ao redor do mesmo ideal, eleições diretas para presidente da república.

Faremos a apresentação dos trechos que consideramos mais pertinentes à proposta desta pesquisa, de cada um dos entrevistados. As entrevistas completas serão apresentadas como Anexo deste trabalho.

2.1 Senador Pedro Simon

O então senador Pedro Simon foi ao lado do deputado Ulysses Guimarães um dos coordenadores nacionais do movimento das Diretas Já. Em seu relato salientou alguns aspectos que nortearam seu trabalho e que determinaram os rumos da campanha. Protagonista central, portanto, destes acontecimentos, o senador iniciou sua fala exaltando o tema de estudo deste TCC, pois afirmou que o povo brasileiro não tem memória e para reforçar seu pensamento, citou uma pesquisa realizada pela Universidade de Brasília sobre Ulysses Guimarães, onde uma das perguntas era saber quem foi este personagem. Para surpresa, a grande maioria dos entrevistados não sabia que Ulysses Guimarães havia sido deputado federal por 30 anos, em Brasília.

A Ditadura Militar foi um dos períodos mais dramáticos da história política e social brasileira, pois a ditadura militar no Cone Sul que atingiu Paraguai,

Uruguai, Argentina, Chile e Brasil acabou com as liberdades individuais e os direitos dos cidadãos. No Brasil, foi onde mais perdurou. Foram 20 anos, com cinco Generais ditadores nomeados como presidentes da República. E à medida que o tempo passava ela ia se agravando com medidas como o Ato Institucional nº 5 que, entre outras medidas, fechou o Congresso Nacional, cassou muitos políticos da oposição e agravou a lei da censura (SIC).

Em sua opinião, foi neste período que o Brasil viveu uma tirania. Havia somente dois partidos políticos: Arena e MDB. A Arena era o partido do governo onde quem estivesse filiado recebia alguns benefícios do governo como facilidade de tirar empréstimos bancários e indicações para cargos públicos. Sendo assim, constituía-se como maioria. Já quem era do MDB além de não ter nenhum desses benefícios era perseguido, cassado, exilado e preso. Havia um decreto, o 477, um ato institucional que proibia o estudante de estudar, caso fosse punido ou apontado como subversivo, por um período de 5 anos. Tais medidas, entre outras, mostravam a verdadeira face de uma ditadura que ficava cada vez mais violenta e que se fortalecia através da eliminação dos preceitos legais. A oposição era considerada anárquica pelos militares porque promovia sequestros, luta armada e guerrilhas, as quais eram tenazmente sufocadas pelo governo militar. Dessa forma, a oposição se encontrava perdida, alguns líderes como Brizola pregavam a luta armada como forma de derrubar o governo. O senador afirmou que Brizola havia recebido treinamento militar em Cuba assim como verba do exterior para resistir. Havia formado uma resistência militar na fronteira com o Uruguai e era um dos maiores defensores da luta armada juntamente com outros líderes da oposição. Houve um momento, durante o golpe de 1964, que se reuniram na casa do Comandante do III Exército, general Adário, que apoiava Jango. Nesta reunião, na madrugada de 1º de abril, estavam presentes o presidente Jango, Brizola, Simon e outros membros da oposição. Discutiram qual a decisão que deveriam tomar ante o golpe militar. O general Adário, manifestou-se fiel ao presidente, Brizola apoiava a resistência através da luta armada, afinal, argumentava, na Campanha da Legalidade houve uma resistência militar semelhante e haviam vencido. A ideia de Brizola era juntamente com o III Exército avançar em direção ao norte e reconquistar o poder pela força. Foi quando o general Adário tomou a palavra e disse que não era possível porque no interior do Estado alguns quartéis e seus respectivos comandantes não apoiavam o presidente Jango. Era necessário, em primeiro lugar, debelar estes focos aqui no Rio Grande do Sul para depois avançar. Havia um outro agravante, uma informação trazida por Jango; a IV Frota dos Estados Unidos estava no litoral do Rio de Janeiro aguardando para invadir o território brasileiro e apoiar os setores golpistas caso houvesse necessidade. Simon acrescenta que, segundo o embaixador norte-americano Lincoln Gordon, os Estados Unidos

ficaram frustrados por não ter acontecido uma resistência armada na ocasião do golpe de Estado de 64, pois seu propósito era acabar com a possível rebelião popular e, principalmente, dividir o Brasil entre norte e sul, como acontecera na Coreia e no Vietnã. Estes fortes argumentos trazidos pelo presidente Jango foram fundamentais para a decisão de abandonar o Brasil porque ele não desejava que o país fosse dividido e que o objetivo dos Estados Unidos fossem conquistados o que traria graves consequências para o futuro do país. Estes fatores eram os principais argumentos para que o MDB não apoiasse uma resistência armada e nem movimentos de guerrilhas. Assim a oposição se encontrava dividida em seus propósitos e um tanto perdida sem saber que decisões tomar para enfrentar os militares. Foi neste momento de indefinição que o MDB realizou um Congresso, aqui em Porto Alegre, para discutir com todas as lideranças de oposição à ditadura quais os rumos que deveriam seguir.

O senador Pedro Simon, afirmou que com o AI 5, além do fechamento do Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas no Brasil foram fechadas; a exceção foi a do Rio Grande do Sul, que permaneceu aberta por decisão dos deputados que não admitiam fechar a Assembleia. Assim, foi um dos lugares onde se podia falar abertamente sobre política no Brasil. Posteriormente, o MDB resolveu realizar um congresso, em 1973, onde reuniu todos os líderes de oposição e discutiu por três dias quais os rumos que iria tomar. Após ampla discussão sobre a luta armada, os sequestros e as guerrilhas, o MDB decidiu que não era a favor da luta armada, por todas as implicações acima expostas e que sim desejava fazer uma resistência popular para reconquistar a democracia. O exemplo inspirador era o de Gandhi, quem construiu a independência da Índia resistindo ao Império da Inglaterra sem dar um único tiro. Gandhi soube resistir descumprindo ordens e sem o uso da violência; foi dessa forma que foi obtida a vitória. O MDB estava aberto a todos aqueles que queriam o fim da ditadura, mas que deveriam seguir as seguintes teses partidárias:

- 1º) Diretas Já, voto popular e democrático para eleger o presidente da República.
- 2º) Fim da tortura a qual muitos presos políticos estavam sendo submetidos e até mortos e/ou desaparecidos.
- 3º) Nova Constituição, resultante de uma Assembleia Nacional Constituinte para que o Brasil tivesse uma carta que garantisse os direitos individuais e o pleno exercício da democracia.
- 4º) Fim da censura, (num período em que os órgãos repressores censuravam tudo que não era de seu interesse), a imprensa precisava ser livre para expressar suas opiniões assim como todo cidadão brasileiro.
- 5º) Anistia; uma lei que permitisse o retorno ao país de todos os exilados.

Essa era a bandeira do MDB, todos aqueles que quisessem fazer parte dele deveriam lutar por estas causas, mas sem o uso da violência. O resultado destas decisões, segundo o senador, foi visto nas eleições de 1974 quando o partido obteve uma grande votação em todo o território nacional, diferentemente do que ocorrera nas eleições de 1970 quando o partido havia ficado em terceiro lugar, perdendo inclusive para o voto em branco.

Como coordenador geral da Campanha das Diretas, o senador Pedro Simon afirmou que foi em Porto Alegre, na *Esquina Democrática*, onde se realizou o primeiro ato público das Diretas no Rio Grande do Sul. Estavam presentes Tancredo Neves, Ulisses Guimarães e lideranças sindicais além de muitos políticos da oposição. Posteriormente se dirigiram à praia de Camboriú, em Santa Catarina, e à cidade de Curitiba, onde foi realizado um grande comício com uma participação popular empolgante. Este comício, em Curitiba, de 12 de janeiro de 1984, marcou pela grande participação popular. Era o fator propulsor que faltava para alavancar a campanha. Naquela noite, aproximadamente 50 mil pessoas saíram às ruas em apoio as Diretas Já. Na edição do dia seguinte, o jornal *Folha de São Paulo* publicou com entusiasmo a seguinte reportagem:

Os mais otimistas esperavam 30 mil pessoas. E vieram, no mínimo, 50 mil (houve até quem calculasse em 60 mil), uma multidão alegre e pacífica que, durante quase quatro horas, prestigiou o comício com que os partidos de oposição lançaram a campanha nacional pelas diretas. Curitiba quase parou após o início da manifestação: espalhou-se pela cidade um clima de feriado (*Folha de São Paulo, 13 jan. 1984, p.1*).

A partir deste comício em Curitiba nascia um movimento verdadeiramente popular, cujo personagem principal era o povo, que passará de figurante a protagonista. Para o comício da Praça de Sé, em São Paulo no dia 25 de janeiro, a previsão dos organizadores era de 100 mil pessoas, mas a edição do dia seguinte da *Folha* anunciou 300 mil nas ruas pelas diretas, com uma enorme foto ocupando quase toda a capa a mostrar a força daquela multidão. Citando a presença de políticos e artistas, o jornal destaca:

“Perguntam se há aqui 300 ou 400 mil pessoas”, disse o governador de São Paulo Franco Montoro no discurso de encerramento do grande comício. “Mas a resposta é outra: aqui na praça estão presentes as esperanças de 130 milhões de brasileiros.” E foi aplaudido com entusiasmo. Na verdade, seus números é que estavam certos (*Folha de São Paulo, 26 jan.1984, capa*).

Embora toda a cobertura que a *Folha de São Paulo* deu a Campanha das Diretas, houve uma tentativa, por parte de alguns meios de comunicação, em tentar esconder da

população tudo o que estava acontecendo de fato no Brasil em torna do movimento das Diretas. Afirma o senador Pedro Simon que, neste mesmo comício, realizado em São Paulo e no qual ele estava presente, a Rede Globo² não colocou nenhuma imagem do comício, preferindo noticiar as festividades de aniversário da cidade. “Este gesto revoltou o povo que passou a apedrejar os carros da Rede Globo e até com tentativa de virá-los”. Foi a partir destes incidentes, segundo o senador que a maior rede de televisão do Brasil passou a transmitir em seus telejornais as notícias dos comícios que doravante aconteceriam.

Segundo Simon, no dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, o Congresso Nacional amanheceu cercado com as tropas do exército. Alguns políticos da oposição foram cassados e outros, com receio de serem presos, não compareceram à votação. A mídia noticiou todo o aparato militar e as movimentações em torno do Congresso, pois havia muita expectativa para o resultado da votação da emenda. O senador Simon afirma com convicção que a emenda das Diretas seria aprovada diante de todo o clamor popular. Tanto é que o resultado da votação deu vitória à emenda, porém não conseguiu atingir o quorum que era de 3/5 quinto dos votos. Faltaram 22 votos. Quando saiu o resultado da não aprovação da emenda foi uma decepção total e muitos políticos desiludidos perguntavam o que iriam fazer a partir daquele resultado. Disse o senador que após o resultado, “o deputado Ulysses Guimarães estava sentado numa cadeira completamente desiludido e preocupado com as possíveis reações do povo, pois pensava ele que poderia haver um movimento de revolta e luta armada”. Mas foi neste momento que as lideranças de oposição resolveram continuar a luta pela redemocratização do Brasil fazendo uso do processo reconhecido pelo governo, que significou enfrentar as regras do Colégio Eleitoral, instituição que os próprios militares haviam criado para eleger o presidente da República. Neste Colégio, o governo sempre tinha a maioria dos votos, usava de artifícios como cassação de políticos da oposição e nomeação de senadores biônicos a fim de garantir a eleição do seu general candidato à presidente. A oposição sempre condenou este tipo de eleição presidencial, pois entendia que o Colégio Eleitoral era uma vergonha, nas palavras do senador, uma imoralidade, uma indecência. Mas este era o único meio possível de tentar vencer os militares. Assim a oposição decidiu participar das eleições e escolheu Tancredo Neves como candidato. O PDS estava dividido entre três candidatos e o escolhido foi o deputado federal Paulo Maluf. A oposição aproveitou-se da existência de dissidências do PDS (que discordavam da candidatura Maluf) convidando o senador José Sarney para vice de Tancredo. Foi assim que venceu a eleição. Comenta o senador Simon que Tancredo Neves “enganou” a todos ao não assumir a presidência da República pois, de uma forma trágica, veio a falecer antes de ser empossado.

2 A Rede Globo apoiou o Golpe Militar de 1964 e por isso foi beneficiada recebendo em troca empréstimos com taxas de juros abaixo do mercado, concessão de canal de televisão e perdão de dívidas junto ao governo federal. Estes motivos fez com que a Globo ignorasse em seus telejornais a Campanha das Diretas Já.

Sarney assumiu, mas o senador Simon declara que quem deveria assumir a presidência era o deputado Ulysses Guimarães, que era o presidente da Câmara dos Deputados, pois Tancredo ainda não havia tomado posse. Afirmo Simon que naquela madrugada, no hospital em Brasília, chegou Sarney acompanhado do general Leônidas Pires e perguntaram a Ulysses quem deveria assumir a presidência. Afirmou Sarney que a constituição dizia que o vice deveria assumir na impossibilidade do presidente. Dessa forma José Sarney tomou posse como primeiro presidente civil após vinte e um anos de ditadura militar.

2.2 Senador José Fogaça

O depoimento de José Fogaça foi tomado na sexta feira, dia 1º novembro, na sua residência. Ele relatou alguns acontecimentos que nortearam a sua participação no Movimento das Diretas Já e principalmente a sua atuação a frente do comitê suprapartidário das Diretas criado aqui no Rio Grande do Sul.

Segundo Fogaça a Emenda Dante de Oliveira causou surpresa. Essa foi à sensação percebida quando o deputado federal Dante de Oliveira, apresentou a emenda constitucional que estabelecia as eleições diretas para presidência da República. Surpresa, porque, naquele momento, a discussão na oposição era de que forma e quando se daria o fim da ditadura civil-militar. Discutia-se o Colégio Eleitoral e pensava-se que haveria uma transição com vista à eleição direta para presidente somente após a administração do sucessor de Figueiredo. Outro fator de discussão era se a nova constituinte seria convocada antes ou depois das eleições. Foi quando surgiu um grupo de parlamentares autodenominados autênticos e comprometidos com a democracia, que lançou a Campanha das Diretas Já, com o propósito de que após o término do mandato do presidente Figueiredo imediatamente ocorressem eleições diretas acabando assim com a ditadura civil-militar imposta ao Brasil desde 1964.

Foi a pedido do Dr. Ulysses Guimarães, [Fogaça se refere sempre a Ulysses como doutor], presidente do PMDB, que o então deputado José Fogaça liderou o comitê suprapartidário das Diretas no RS. Declarou que foi um período muito difícil, pois os militares ainda viam com cautela toda forma de expressão popular e que, por outro lado, os partidos de oposição defendiam o retorno à plena democracia. Também afirmou que o primeiro comício das Diretas foi planejado em Porto Alegre com a presença do próprio Ulysses Guimarães. O mesmo aconteceu na cidade de Cachoeira do Sul, no interior do Estado, que se constituiria, de certa forma, em uma experiência. Efetivamente, havia uma curiosidade em saber como o povo iria corresponder à convocatória. A expectativa era de que

pós-comício, se examinasse o que deveria ser modificado para um melhor aproveitamento com a finalidade de agregar mais pessoas ao movimento. A imprensa, ainda com a pressão dos militares, não divulgou muitas notícias sobre o comício e nem sobre os desdobramentos da Campanha das Diretas. Mas o saldo de Cachoeira do Sul foi altamente positivo, o povo saiu às ruas e gritou em favor das Diretas, foi naquele momento que se percebeu que a campanha iria incendiar o Brasil (como de fato aconteceu).

Após o comício em Cachoeira do Sul, foi realizada uma caminhada democrática pelas ruas do centro de Porto Alegre com a presença de Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Pedro Simon e diversos outros integrantes. Em Capão da Canoa, em pleno verão do mês de janeiro foi organizada uma passeata cívica e finalizou com um comício em frente ao mar ao anoitecer. Nesta oportunidade, aproximadamente 30 mil pessoas estiveram presentes tornando público o desejo da maioria do povo brasileiro (SIC).

Já na organização do grande comício em Porto Alegre, realizado no dia 13 de abril de 1984, todos os preparativos do comitê foram em prol de um grande evento popular. A estratégia foi realizar comícios relâmpagos no centro da cidade. Conta Fogaça que em cada esquina ele subia num banco de madeira e com um megafone convidava à população para comparecer ao comício no Largo da Prefeitura. Lá ocorreram shows com músicos gaúchos, participação de artistas como Raul Cortês e a cantora Fafá de Belém, além de muitos outros personagens da vida artística. Neste comício houve a presença de toda a cúpula da Campanha das Diretas Já: Lula, Fernando Henrique Cardoso, Franco Montoro, Leonel Brizola, Tancredo Neves, o próprio autor da emenda o deputado Dante de Oliveira; enfim, todos os líderes de partidos e sindicatos prestigiaram a grande festa popular. Estima-se que, aproximadamente, 200 mil pessoas fizeram-se presentes neste que, com certeza, foi o maior comício realizado na história do Rio Grande do Sul. Tudo isso num clima pacífico e alegre com o povo nas ruas com suas bandeiras e num só coro gritando Diretas Já. “Este foi o momento mais emocionante de toda a minha vida pública, foi um momento arrebatador”, afirmou Fogaça, pois nunca em sua vida ele havia presenciado uma multidão como aquela que de uma forma ordeira e alegre, exigia o retorno à democracia.

Para Fogaça a não aprovação da emenda frustrou milhões de brasileiros e deixou parte da oposição ao regime militar desiludida. Foi nesse momento que, coincidindo com o relato do senador Simon, Fogaça afirma que o mesmo grupo que articulou a Campanha das Diretas decidiu enfrentar o Colégio Eleitoral e disputar a eleição indireta defendendo a candidatura de Tancredo Neves, quem acabou vencendo ao derrotar o candidato do governo Paulo Maluf.

Com a morte de Tancredo assumiu o vice José Sarney³. Foi neste momento, frisa Fogaça, que emergiu a grande figura do Dr. Ulysses Guimarães que levantou a bandeira de uma nova constituição brasileira que garantisse os direitos individuais, as liberdades e que estabelecesse o pleno exercício da democracia. Assim foi convocada uma Assembleia Nacional Constituinte em 1987 que, sob a liderança de Ulysses Guimarães, restaurou uma nova carta ao Brasil.

Fogaça afirma que em todos os períodos da história republicana brasileira sempre houve guerra civil, rupturas institucionais, golpes militares, ameaça de derrubadas de presidentes, tentativas de impedir a posse de autoridades eleitas e muitas outras situações em que a violência predominou. Ressalta, no entanto, que foi no período de 1988 até o presente que não houve golpe de Estado; tivemos estabilidade democrática, elegemos e empossamos presidentes. “A tolerância e o respeito à democracia é fruto gerado na Constituição de 1988”. Mesmo no impeachment do ex-presidente Fernando Collor todos os passos foram dados dentro dos parâmetros constitucionais. Fogaça também salientou em sua fala que a participação popular foi o balizador, o delimitador das grandes ações políticas da democracia. As Diretas Já, com todas as suas repercussões, foram um divisor de águas no Brasil, trouxeram maturidade e fez o país avançar e ser respeitado como nação no mundo.

2.3 Olívio Dutra

Funcionário aposentado do Bannrisul, foi presidente do sindicato dos Bancários de Porto Alegre em 1975. No período da redemocratização brasileira, participou da fundação da seção gaúcha do Partido dos Trabalhadores, da qual foi presidente de 1980 a 1986.

Para Olívio a Campanha das Diretas foi à reunião de todos os setores organizados da sociedade civil brasileira, unidos por um mesmo ideal: votar para presidente da República. O contexto histórico era perigoso e difícil, pois a ditadura militar vigente não via com bons olhos as manifestações populares, dizia temer a “baderna” e a volta ao tempo de 64. Afirma que as Diretas eram um anseio popular para por fim à ditadura. Neste período já haviam sido realizadas as eleições para prefeitos e governadores, mas os militares não reconheciam o direito do povo de escolher livremente o seu representante maior, o presidente da República. “Alegavam que queriam uma transição política lenta, gradual e segura e neste pensamento escolhiam um general via Colégio Eleitoral”. Mas o povo saiu às ruas para pedir eleições diretas e já. A consolidação desta proposta popular foi à apresentação da emenda Dante de Oliveira que propunha as eleições diretas logo após o final do mandato do presidente Figueiredo. Segundo Olívio, a grande mídia não acreditou na Campanha das Diretas, mas ao

3 Sarney foi empossado no cargo de presidente da República mesmo que Tancredo Neves nunca tenha assumido.

perceber seu crescimento e o apoio popular recebido através de passeatas, seminários e comícios por todo o Brasil não pode mais esconder aquilo que era um dos maiores movimentos sociais e políticos da história. Os grandes comícios em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e muitas outras cidades de porte médio despertaram o interesse da mídia que diante deste grande movimento começou a noticiá-lo. “Negros, índios, estudantes e toda a classe trabalhadora saíram às ruas clamando por eleições diretas para presidente da República e o fim da ditadura militar imposta desde 64 no país”. Entidades de classes como OAB, CNBB e todos os setores organizados da sociedade, inclusive muitos empresários mais progressistas, uniram-se no clamor popular.

No grande comício em Porto Alegre, Olívio relata que:

Toda aquela multidão incendiava o sentimento de cidadania pois via-se nos olhos de milhares de pessoas a chama da democracia e o sonho que a situação do Brasil realmente poderia mudar para melhor. O povo não queria algo passageiro, mas sim a partir das Diretas desejava que a nação tomasse novos rumos de crescimento e liberdade. Foi uma experiência em minha vida muito rica e inesquecível (SIC).

Na votação da emenda, o Congresso Nacional frustrou o desejo de milhões de cidadãos ao derrubar a proposta das Diretas Já. Mas, segundo Olívio, o movimento teve continuidade de imediato quando saiu em busca de uma nova constituinte. Antes, porém, enfrentaram o Colégio Eleitoral. O PT era contrário a essa participação e acabou expulsando três deputados que descumpriram a ordem do PT e compareceram ao Colégio Eleitoral para votar em Tancredo Neves. A decisão do PT em expulsar os deputados deve-se ao fato do partido sempre condenar o Colégio Eleitoral, que era uma invenção dos militares. Olívio afirmou ainda que após a eleição de Tancredo Neves uma nova mobilização popular teve início com a finalidade de realizar uma nova Constituição. Desejavam uma Constituição livre, soberana e exclusiva. Relata que nas eleições de 1986 foi eleito deputado federal constituinte com 55 mil votos uma das maiores votações do Rio Grande do Sul, juntamente com Paulo Paim, também do PT.

Para Olívio, a maior lição que o movimento das Diretas trouxe foi o despertar do povo brasileiro, assumindo um papel de sujeito no processo de mudanças. Os movimentos sociais e o exercício da cidadania davam mostras de que este era um dos caminhos que o povo tinha que percorrer a fim de enfrentar o radicalismo da ditadura civil-militar, sem o uso da violência. “Havia um forte sentimento de esperança pelo qual o país iria se transformar numa grande nação, numa pátria para todos os brasileiros”. Era um sonho que estava se tornando

realidade através da participação popular, após anos de repressão. Todo este movimento foi uma semente que refletiu mais tarde em termos práticos, através de uma cidadania ativa, que exerceu um controle no Estado e governos. Segundo Olívio, o Orçamento Participativo foi resultante deste movimento que teve forte participação popular. Conta que quando assumiu a Prefeitura de Porto Alegre, em 1988, adotou o Orçamento Participativo como uma conquista da cidadania. Dessa maneira, o cidadão contribuía a fim de definir prioridades na ação do governo, e neste particular, não foi um favor do governante mas uma conquista da cidadania que deveria permanecer independente de quem estivesse no poder. “Assim, a cidadania se constitui e se fortalece, pois chama o povo para ser sujeito de transformação influenciando nos destinos de sua comunidade”. Para Olívio, a participação popular, no exercício pleno da cidadania é resultante dos grandes movimentos sociais como as das Diretas Já e da Constituinte, que trouxeram um amadurecimento ao cidadão brasileiro que aprendeu na prática que as transformações da sociedade resultam de uma luta que ainda não terminou, ou seja, está em construção e que exige a participação de todos.

2.4 Alceu Collares

Homem público de grande participação política, Alceu Collares foi deputado federal constituinte, fundador do PDT e amigo de Leonel Brizola sendo seguidor de suas ideias. Formado em Direito pela UFRGS é advogado e professor. Orgulha-se ao afirmar que, em toda a sua trajetória política, esteve na oposição ao regime militar e que lutou pela Campanha das Diretas Já e relatou alguns fatos neste período que empolgaram o Brasil.

Collares afirma que como deputado federal pelo PDT, em 1974, integrou o grupo chamado de Autênticos. Faziam parte do mesmo os deputados Nadir Rosseti, Alencar Furtado, Fernando Lira, Dante de Oliveira, Luis Viana Maciel entre outros parlamentares. Este grupo tinha em mente acelerar o processo de redemocratização e se contrapunha ao grupo moderado liderado por Ulysses Guimarães e Tancredo Neves todos do MDB. “Os moderados eram muitos calmos e tranquilos e precisavam enfrentar com mais ousadia a ditadura militar”. Citou Tancredo Neves um conciliador que com sua experiência política enfrentava os militares com cautela e por isso não procurava afrontá-los. Assim, no início da década de 70 havia um conflito interno no MDB, por um lado os Autênticos, e, por outro, os Moderados. Nesse clima surgiram várias ideias no sentido de enfrentar a ditadura e superá-la resgatando a democracia ao Brasil. Foram realizados muitos seminários pelo País. Collares afirma que alguns companheiros políticos foram para o movimento de luta armada, pois

defendiam que somente desta forma poderiam libertar o Brasil das mãos dos militares. Segundo suas palavras, a sociedade brasileira estava dividida entre aqueles que defendiam a ditadura civil-militar imposta pelos Estados Unidos em toda a América, e aqueles que resistiam e lutavam para o Brasil ter liberdade política e social.

Antes dos golpes militares da América do Sul, os países tinham um sentimento mais social, eram voltados para um socialismo de Estado e com isso eram mais sensíveis às necessidades humanas e buscavam um caminho para resolver seus problemas num viés socialista. Foi quando a política exterior norte-americana implantou a força um regime de exceção que resultou em golpes militares com a finalidade de impedir as mudanças sociais, políticas e econômicas que os países sul-americanos almejavam, (SIC).

Na luta e resistência contra a ditadura civil-militar, no ano de 1980, Collares conta que foi dele a ideia de regulamentar uma lei pela qual oportunizou à oposição o direito de expressar seus pensamentos no rádio e na televisão em rede nacional. Conta que foi conversar com Ulysses Guimarães que expressou todo o seu ceticismo quanto o sucesso da regulamentação da lei. Collares disse a Ulysses que o não eles já tinham e que se porventura os militares concordassem seria um grande passo rumo à democracia. Pois, para surpresa geral, os militares consentiram e regulamentaram o dispositivo constitucional e, pela primeira vez, o povo brasileiro, em cadeia nacional, pode assistir durante 60 minutos as propostas da oposição para o Brasil. No dia seguinte o desagrado do presidente Figueiredo foi demonstrado através de uma ordem de cassação a todos os políticos que participaram do programa. Foi quando o Ministro da Justiça ponderou e disse a Figueiredo que não poderia cassar nomes como os de Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e o próprio Collares que havia falado sobre o salário mínimo. Resultado, somente Alencar Furtado foi cassado num ato, segundo Collares, de maior injustiça contra este parlamentar.

O grupo dos Autênticos levantou a bandeira das Diretas; para Collares, a ideia inicial partiu do senador Teotônio Vilela, depois, o deputado Dante de Oliveira, que pertencia ao grupo, redigiu uma emenda à constituição que determinava as eleições para presidente da República. Quando a proposta da emenda foi apresentada no Congresso Nacional, logo na abertura dos trabalhos, com todas as assinaturas dos deputados favoráveis, a oposição uniu-se na defesa pelas Diretas. A partir daí o Brasil começou a despertar para a necessidade de lutar em favor da democracia e este gesto, segundo Collares, foi visto nos seminários, passeatas e comícios que contavam com imensa participação popular.

O comício em Porto Alegre foi tremendamente marcante para Collares, pois além de participar no palanque armado em frente à Prefeitura, ao lado de Brizola, Ulysses, Tancredo, Lula e tantos outros líderes da oposição, observou que havia pessoas das mais diversas idades, credos e entidades representativas numa enorme demonstração de cidadania, todos com um clamor só, Diretas Já. Foi um dos momentos mais lindos, empolgantes e digno da dimensão política e social da participação popular que buscava mudanças imediatas para o Brasil.

2.5 Paulo Egon

O professor Paulo Egon é uma das lideranças históricas do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul. Além de ter atuado em diversas administrações foi seu presidente entre os anos de 1983 e 1984, período de mobilização pelas Diretas Já. O CPERS/Sindicato, foi uma das organizações sindicais mais atuantes nesses anos, fato que também ocorreu em relação às grandes mobilizações que exigiam o fim da ditadura.

Com mais de 60 anos de existência, o Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul, representa os integrantes do quadro de carreira do magistério gaúcho além de professores contratados em regime de CLT e dos funcionários de escola. Divide-se em mais de 43 núcleos regionais espalhados por todo o interior do estado. O CPERS/Sindicato caracteriza-se por ter uma história de lutas, resistências e conquistas para a sua classe trabalhadora. Tem uma história de grandes manifestações, greves, passeatas, caravanas e acampamentos sempre em defesa dos interesses da categoria como, principalmente, a defesa da escola pública e de um ensino de qualidade. Por isso, estes dois temas sempre foram as tônicas de suas lutas, independente de sua relação com os partidos políticos que ocupa o governo estadual.

O Centro de Professores Primários do Estado do Rio Grande do Sul (CPPERGS) foi fundado em 21 de abril de 1945, tendo como primeiras aspirações o ingresso das professoras normalistas nas Faculdades de Filosofia e reajustes salariais. As críticas de setores mais conservadores da sociedade gaúcha, que não aceitavam a ideia de professoras primárias fundarem uma entidade para reclamar seus direitos, não tardaram em acontecer acusando aquelas professoras de comunistas e agitadoras da ordem social. A entidade começou a discutir, ainda em 1945, no fim da ditadura Vargas, seu estatuto, luta por aumentos quinquenais e uma carreira única. Fazia parte da sua pauta de reivindicações, também a proposta de gratificação de 1/3 mais a contagem em dobro do tempo de serviço para aquelas professoras que atuassem diretamente com a alfabetização de adultos. Nos anos 70 a categoria

sofreu devido ao aprofundamento da crise econômica com a queda do PIB, aumento da dívida externa e, conseqüentemente, os baixos reajustes salariais. Também vivenciava toda a intensidade dos governos militares onde a repressão, torturas, desaparecimentos, prisão de lideranças e fechamento de entidades de trabalhadores era uma constante. Durante todo este período o CPERS enfrentou e resistiu sempre, levantando a bandeira por uma educação pública de qualidade e maior dignidade aos seus profissionais.

Assim, a categoria atravessou momentos difíceis e com a chegada dos anos 80, juntou-se às demais classes trabalhadoras e saiu às ruas buscando resgatar o direito do povo brasileiro escolher seu presidente através do voto direto e com isso desbancando os militares do poder.

Como já foi dito, Paulo Egon integrou a diretoria do CPERS 1983-1984. Sendo seu presidente em 1984. Em sua fala, afirma que durante a campanha das Diretas, o CPERS, participou ativamente, pois fazia parte do Comitê que organizava a campanha, sendo um dos protagonistas. “Os professores distribuía panfletos, divulgavam as passeatas, comícios e fizeram muitas mobilizações na capital e através de seus núcleos, no interior do estado”. Um dos marcos deste movimento foi o comício realizado em Porto Alegre. Devido a sua grande extensão alcançou um grande número de participantes. O CPERS organizou-se e trouxe várias caravanas do interior; em suas mobilizações pró-Diretas, além de professores, a entidade mobilizava pais, estudantes e demais profissionais da educação. De fato, reafirma o entrevistado, havia um apoio integral da sociedade civil ao movimento das Diretas. Por estar atravessando um período de ditadura os líderes deste movimento estavam expostos a riscos e perigos de vida. Havia ameaças e pressões dos órgãos repressores da ditadura civil-militar. “As professoras foram extremamente heroicas”, pois muitas delas eram casadas com militares e/ou policiais. Elas traziam informações do perigo que a liderança do movimento estava correndo. Conta o professor Paulo que no comício, as professoras faziam uma proteção humana ao redor dos líderes.

Não sei como estou vivo, corria risco de vida. Não haviam feito nada contra mim por temerem a repercussão. A influência do CPERS era muito grande em toda a sociedade gaúcha. Havia um espírito de luta presente em que não tinha medo de morrer, nem de ameaças, a chama da liberdade ardia em nossos corações e as convicções eram indestrutíveis. Não se cala a voz de quem clama por justiça, não se cala a voz de quem clama por liberdade. Queremos Diretas Já clamava o povo (SIC).

“Estávamos fazendo História”, e procurávamos fazer de forma criativa. Citamos, como exemplo, a encenação de um grupo de estudantes que durante o comício, conduziu até a

frente do palanque, um caixão que representava o Colégio Eleitoral. Era um enterro simbólico das eleições indiretas.

“O CPERS não se dobrou para a ditadura”, mas a enfrentou e resistiu e se constituiu num dos protagonistas da luta pelas Diretas, juntamente com outras importantes lideranças que ajudaram a construir um novo país. “A luta das Diretas não terminou”, pois a partir dela o Brasil buscou com determinação o caminho da Democracia. Esse movimento foi um reflexo para o país chegando a influenciar diretamente no rumo da própria Educação, haja visto que a bandeira do CPERS continha a luta por melhores salários, uma educação pública de qualidade e as conquistas sociais. “Aprendemos, a partir da Ditadura, a construir uma nova educação para o Brasil, pois mudamos currículos nas escolas e universidades”. Em todos os setores da sociedade brotou uma nova geração comprometida com as liberdades, justiça e valores democráticos.

Percebi ao entrevistar estes protagonistas que a experiência vivenciada por eles deixa transparecer detalhes perceptíveis somente por aqueles que enfrentaram e resistiram a todos os meios que a ditadura infringiu contra a restauração da Democracia. Nestes protagonistas sentimos através de suas falas a coragem e a determinação que os levaram a desafiar as baionetas, prisões e ameaças por parte da ditadura civil-militar. A importância do resgate histórico que o senador Pedro Simon, apresenta após o golpe de 64, quanto à decisão do presidente João Goulart, em exilar-se a fim de evitar uma invasão norte americana do Brasil é motivo de estudo mais aprofundado. Já em sua fala, no que concerne à revolta de alguns manifestantes contra a Rede Globo que não divulgou no Jornal Nacional o comício em São Paulo, há algumas variantes que são importantes salientar. Disse o senador que após esta revolta a Rede Globo começou a noticiar em rede nacional o movimento das Diretas e que foi a partir daí que o movimento atingiu as massas. Na verdade sabemos que houve um espaço maior em seus noticiários mas mesmo assim a Rede Globo continuou com sua postura conservadora e tímida diante de todas as manifestações em prol das Diretas. Em nenhum momento a Globo se posicionou a favor das Diretas. Se compararmos com a TV Bandeirante, que transmitiu ao vivo o grande comício em São Paulo (no vale do Anhangabaú), a Globo limitou-se a mostrar alguns pequenos quadros do comício em seus noticiários. Sabemos também que o comício em São Paulo aconteceu em abril de 1984 e naquele momento a Campanha das Diretas Já havia tomado o Brasil de ponta a ponta.

Já o senador Fogaça não falou das pressões que sofreu ao liderar o comitê suprapartidário. Sabemos que haviam alguns grupos mais radicais como o MR8, favorável à luta armada. Este e outros grupos mais de esquerda tiveram sua fala interrompida no comício.

Na cobertura de *Zero Hora* da edição do dia 14 de abril, há referência à atitude do locutor Osmar Santos, quem atravessou a fala de um dos integrantes do MR8 ao chamar à frente do palanque Leonel Brizola, Franco Montoro e Ulysses Guimarães. Já Alceu Collares se envolveu numa briga com um dos integrantes do PT, responsável pela organização do comício. Collares foi impedido de subir ao palanque quando acompanhava Brizola. Desferiu um soco que passou de raspão no rosto de Firmo Trindade, do PT, mas foi contido por Lula. Porém conseguiu subir no palanque, segundo a reportagem de *Zero Hora* na edição de 14 de abril. Assim, o clima entre a oposição não era tão pacífico e festivo, havia discordância acirrada no seu interior assim como disputas de espaços e ideias. Ulysses Guimarães afirmava que o candidato à presidência da República deveria ser do PMDB, porque o partido estava organizado em todos os estados do Brasil. A cúpula do PDT defendia o nome de Leonel Brizola devido ao seu histórico político. Miguel Arraes afirmava que Tancredo Neves era um nome de consenso e a oposição teria mais chances numa provável eleição direta. Todas essas situações envolvendo a oposição eram usadas pelo PDS e a cúpula militar que em seus discursos afirmavam que a oposição brasileira não estava preparada para governar o país.

Dessa forma, avalio como de grande contribuição para o resgate de nossa história recente, a participação destes protagonistas. Através das entrevistas concedidas contribuíram para um maior esclarecimento de como se desenvolveu a Campanha das Diretas bem como a percepção que cada organização partidária teve desse processo e da sua importância para a necessária mudança política do país.

3 A CRÔNICA JORNALÍSTICA DAS DIRETAS JÁ NO RIO GRANDE DO SUL

Ao elaborarmos uma análise sobre a relação existente entre história e imprensa, indagamo-nos quanto aos elementos que se constituem como um elo entre estes dois campos. Embora tanto o jornalista como o historiador tenham compromissos com valores tais como a realidade e a verdade, não oferecem, em última análise, mais de que uma aproximação com o objeto que buscam resgatar. Assim, em ambos os casos, nos deparamos não como reproduções exatas, mas sim com interpretações dos fatos acontecidos, interpretações estas carregadas da subjetividade de seus produtores e, dessa forma, das respectivas marcas de suas perspectivas e limitações ideológicas e culturais. A diferença fundamental está na obrigação do historiador explicitar suas fontes, para que sobre elas se possa reconstruir, caso necessário, a trajetória da pesquisa e da análise fundamentada em percepções específicas de ordem teórico-metodológicas. Como esses valores refletem sistemas temporalmente localizados no presente, o trabalho do historiador que vislumbra a imprensa e sua atuação ao longo do tempo, dirá respeito, por fim, ao seu próprio tempo, uma vez que é a partir de sua contemporaneidade que ele estabelecerá suas problemáticas e questionamentos. Sendo assim matizadas, estas interpretações são realizadas sobre objetos previamente selecionados, conforme os interesses daqueles que se debruçam sobre o acontecido. Através deste processo de seleção do que é passível de ser ou não objeto de análise, aquilo que era tomado como um fato pertencente à esfera do cotidiano tomará, a dimensão de fato jornalístico ou histórico. Desta forma, tais dimensões operam como o lócus no qual jornalistas e historiadores tornam o meramente factual em algo submetido ao seu trabalho interpretativo. Refletindo sobre esta aproximação entre os campos jornalísticos e históricos, Marialva Barbosa comenta:

A primeira aproximação está mesmo na atividade de seleção, privilégio tanto do historiador quanto do jornalista. Os meios de comunicação ao selecionar o que se passa no mundo, o que vai ou não ser notícia, o que vai ser editado com destaque ou sem relevo, estão, na verdade, procedendo a criação do próprio acontecimento. Longe de serem apenas veículos de divulgação, são eles próprios criadores do acontecimento. E, dessa forma, constituem uma memória privilegiada do presente que vai ser objeto de análise do historiador num futuro. Os impressos são, sobretudo, documentos e como tal monumentos da memória (BARBOSA, 1997, p. 87).

Uma importante perspectiva de vinculação entre história e imprensa é apresentada por Benedict Anderson, para quem o jornal, ao lado dos romances, desempenha uma função de

elemento constitutivo de comunidades imaginadas, estando mesmo na formação das modernas consciências nacionais. Para Anderson, o jornal tem um profundo caráter ficcional, seja unindo diariamente acontecimentos que nada teriam em comum através de um fator de justaposição temporal, seja através de sua natureza de produto sujeito ao mercado, o que lhe confere um aspecto de forma extrema de livro, verdadeiros Best-sellers por um só dia. Assim, o leitor de jornal, vendo réplicas exatas de seu jornal sendo consumidas por seus vizinhos do metrô, da barbearia ou de sua casa, sente-se permanentemente tranquilo a respeito de que o mundo imaginado está visivelmente enraizado na vida quotidiana.

Como vimos através dos testemunhos dos depoentes, a grande mídia brasileira aliada à ditadura civil-militar, pouco espaço concedeu, no início, ao movimento das Diretas: seminários, passeatas e comícios eram desconhecidos. Justiça seja feita, o jornal *Folha de São Paulo*, foi o que deu maior cobertura e abraçou a bandeira das Diretas desde seu início. Após os grandes comícios, principalmente nas capitais e com a enorme participação popular, foi que a grande mídia de uma forma tímida começou a divulgar a campanha. Somente depois da repercussão na mídia nacional, foi que a campanha das Diretas no Rio Grande do Sul, despertou a atenção de toda a imprensa gaúcha. Em Porto Alegre, os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo*, os maiores de circulação no Estado, acompanharam os passos da campanha cobrindo inclusive, os pequenos comícios realizados pelo interior do estado. Outro fator importante que também foi acompanhado pela mídia, foi a postura política do presidente Figueiredo contrario a Emenda Dante de Oliveira e à mobilização da oposição na Câmara dos Deputados que lutava para a aprovação da Emenda. Com espaço reduzido de notícias, as emissoras de televisão local fizeram as coberturas, mas de uma forma superficial. A RBS TV, afiliada da Rede Globo apresentava as notícias em seus telejornais como *Jornal do Almoço* e o *RBS Notícias* cobrindo os grandes comícios no Rio Grande do Sul e colaborando com a programação da Globo. O jornalista Elmar Bones, afirma que a Campanha das Diretas Já foi inicialmente boicotada pela imprensa. Ele destaca que houve diversos comícios iniciais, mas que a imprensa como um todo só deu atenção e reconheceu que havia especialmente um movimento nacional quase um ano depois do começo do movimento, quando houve o comício de São Paulo em 1984, no Anhangabaú, que reuniu quase um milhão de pessoas. Bones destaca que segundo recorda, foi a partir deste momento que no Rio Grande do Sul, os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* começaram acompanhar a Campanha das Diretas Já mesmo assim, de forma um tanto tímida.

Com a finalidade de analisar a cobertura pela mídia gaúcha, escolhemos dois jornais: *Zero Hora* e *Correio do Povo*. Faremos uma análise do grande comício na cidade de Porto

Alegre, ocorrido no dia 13 de abril de 1984, onde aproximadamente 200 mil pessoas estiveram presentes. Devido a tal envergadura, sendo uma das maiores concentrações humanas já registradas em Porto Alegre, iremos analisar as reportagens destes dois periódicos, focando as matérias da seguinte ordem cronológica: O dia anterior, o dia do comício e o dia posterior.

3.1 12 de abril de 1984: O dia prévio

No dia prévio ao grande comício a *Zero Hora* coloca na manchete da capa: “PDS DEVERIA LIDERAR A LUTA PELAS DIRETAS”. Notemos que o assunto das Diretas Já é apresentado na perspectiva do governo, tanto é que o destaque é a afirmação do presidente Figueiredo, que teria dito, em uma viagem ao exterior que se estivesse no Brasil iria ao comício na cidade do Rio de Janeiro. Observa-se que o foco é a posição de Figueiredo, algo de abrangência nacional, em relação ao acontecimento local que é o comício em Porto Alegre. Na capa não há nenhuma referência ao comício que ocorreria no dia seguinte. Encontramos algumas informações nas páginas referentes às notícias da cidade. De um total de 56 páginas, 9 citam o movimento das Diretas que trazem informações desde o comício realizado no dia anterior, no Rio de Janeiro, até a expectativa daquele que ocorreria no dia seguinte em Porto Alegre. Na página 15, na editoria de Geral, um assunto político ocupa toda a página. As manchetes reproduzem toda a preparação para o comício bem como a ordem de programação do mesmo. Um dos destaques é o número de oradores que iriam usar da palavra, entre eles: Ulysses Guimarães, Lula, Tancredo Neves, Leonel Brizola e outros políticos e sindicalistas. A segurança foi um dos fatos que a reportagem salientou, havia uma expectativa de aproximadamente 150 mil pessoas. No trânsito, na parte central da cidade, preparava-se um esquema especial com mudanças para facilitar o ingresso de pedestres no Largo da Prefeitura. Na parte inferior da página, canto direito, um tanto escondido, é anunciado que o governador Jair Soares liberou o funcionalismo público no dia do comício. Já na página 40 é destacada a Campanha das Diretas no interior do estado e os comícios que estavam sendo preparados nas cidades de Pelotas e Santa Maria.

O editorial tem como título “A hora do Consenso”, numa alusão clara que oposição e governo devem procurar entrar num acordo político. “Buscando aprofundar um entendimento nacional, que precisa ter como objetivo principal o aperfeiçoamento da democracia brasileira para superação de nossos problemas conjunturais”. Cita como exemplo negativo o ex-presidente João Goulart que se isolou politicamente e não ouviu o clamor popular. Enfatiza

que este tipo de comportamento trouxe consequências sérias ao Brasil. Neste particular o editorial demonstra claramente o seu apoio ao golpe de 64. Numa atitude conservadora deixa transparecer certa “neutralidade” e esconde que nivela um clamor popular contra uma ditadura com manifestações da classe média contra um governo democrático.

A sucursal de Brasília em sua coluna tem como tema principal a força de Brizola, a esse respeito, faz um resumo de sua vida pública deste o exílio até seu retorno vitorioso nas urnas que o fez governador do Rio de Janeiro. “Com o brilho de uma das mais importantes realizações políticas nos últimos 20 anos, o governador fluminense escreveu a nova história brasileira.” Ressalta que o comício da Candelária, no dia anterior, serviu de plataforma política para sua candidatura a presidência da República e no final ironiza que Figueiredo seria um de seus eleitores.

Já a crônica de Luiz Fernando Veríssimo é inteligente e esclarecedora. Contém bom humor e seriedade. “A dimensão que tomou a campanha pelas Diretas certamente não estava nos cálculos do regime. Até o Pelé e o Roberto Carlos!” Escreve que o governo e a oposição mesmo em lados opostos apostam numa saída para a crise política e social. Acreditam que independente do resultado da emenda das Diretas, o Brasil, do seu jeito, ou seja, com o “jeitinho brasileiro” conseguirá um solução que somente aqui é possível.

O *Correio do Povo* desse mesmo dia 12 de abril, traz em sua capa uma foto do presidente Figueiredo na Espanha e sua declaração de que teria ido ao comício na Candelária, se estivesse no Brasil. A tentativa do jornal revelando a intenção de Figueiredo, é entre outros aspectos, fazer uma cortina de fumaça. Na verdade, traz uma notícia que vem do governo e pretende chamar a atenção para os atos deste, em detrimento da expectativa dos gaúchos para o grande comício em Porto Alegre. Não há, pelo menos na capa, nenhuma referencia ao comício, o que é algo muito chamativo. De fato, é digno de menção que um dos maiores jornais do Rio Grande do Sul não traga informações pelo menos na capa daquele que viria a ser o maior comício da história deste estado. Por quê? Considerando o *Correio do Povo*, um jornal que naquele período histórico era mais elitizado e comprometido com grandes latifundiários e pecuaristas, portanto, identificado com os setores mais conservadores do Rio Grande do Sul, não é de se admirar a sua postura favorável a ditadura civil-militar. São duas páginas destinadas ao noticiário político páginas 5 e 6, que trarão informações sobre os preparativos do comício. Nestas páginas há notícias sobre o comício realizado no Rio de Janeiro, no dia anterior e algumas opiniões isoladas de seus colunistas.

No editorial, observamos opiniões semelhantes à do editorial *Zero Hora*, pois em ambos há comparação com o governo João Goulart, receio de que o país volte a viver um

clima de instabilidade e indefinições quanto ao futuro do Brasil. Interessante é a opinião do colunista Heitor Galant que escreve em sua coluna sob o título: “Crise política e sistema de governo”. Escreve Heitor: “Embora adepto para as eleições indiretas para a presidência da República, fiel as lições de Assis Brasil e ao programa do Partido Libertador, que a consagrava, reconheço que há um intenso movimento em todo o país em prol do processo direto para citada eleição”. Heitor é favorável às eleições indiretas à presidência da República, mas esclarece que embora veja o grande anseio popular nas ruas, ainda é cedo para fazer mudanças tão bruscas no sistema de governo. Nas páginas de política, as manchetes chamam a atenção para a organização do comício, como o número de oradores, o tempo destinado a cada um, três minutos. Ficou decidido pelo comitê que 62 oradores se revezarão do palanque, sendo o deputado estadual Luiz Possebon e o vereador Jorge Goulart, ambos do PDS, a favor das Diretas, irão fazer uso da palavra. A programação contará com a participação de músicos gaúchos que farão a abertura, seu início está previsto para as 17 horas e o narrador Osmar Santos comandará o comício. Na página de Geral, há outras informações. Serão 700 ônibus especiais sendo que 500 virão do interior do estado. O trânsito terá um esquema especial, será modificado para facilitar o acesso do público ao local do comício. Haverá dois serviços médicos, um no interior da Prefeitura onde passarão oradores, autoridades e jornalistas e outro externo para atender o público em geral.

3.2 13 de abril de 1984: O dia do comício

O jornal *Zero Hora* circula na manhã do grande comício com uma capa que destaca em letras maiúsculas a seguinte manchete: “DIRETAS: HOJE O COMÍCIO É AQUI”. É dado um destaque especial ao comício, embora não publique nenhuma fotografia. Ao lado direito evidencia-se uma notícia do governo: “Figueiredo irritado faz deputado desmentir-se”. O jornal traz uma reportagem onde é apresentada uma entrevista com o deputado federal Alcides Franciscato, do PDS, amigo pessoal do presidente. Nela o deputado, que acompanhava a comitiva presidencial, em Madrid, responde aos repórteres dizendo que a célebre frase que foi publicada em todos os jornais não foi dita pelo presidente e sim por ele. A frase é: “se o presidente Figueiredo estivesse no Brasil iria ao comício da Candelária no Rio”. Numa nota divulgada pela Empresa Brasileira de Notícias, o presidente Figueiredo afirma “Eu não disse nada ao Franciscato. Não sei de onde ele tirou isso”. Percebe-se que o jornal, mesmo dando grande publicidade as Diretas mantém compromisso com as autoridades do regime militar colocando lado a lado os movimentos da campanha popular e as posições do governo.

O editorial, assim como o conjunto dos colunistas, discorrem sobre o tema das Diretas e suas implicações. Com o título “Angústia nacional” o editorial da *Zero Hora* analisa o atual momento político, as grandes manifestações e a indefinição do governo federal. Apela para um consenso e aponta a negociação como caminho seguro, a fim de que o país vença esta turbulência política sem traumas. Afirma que o retorno ao voto direto através da vitória da emenda à constituição não irá resolver os problemas vividos pelo povo brasileiro, no que faz clara alusão a uma saída negociada. Carlos Fehlberg, em sua coluna intitulada: “A perda de tempo”, faz uma crítica ao governo federal que não soube administrar o programa de abertura política. Agora, afirma Fehlberg, diante das massas nas ruas a exigir eleições diretas, o governo enfrenta duas crises, uma interna com os conflitos do PDS, e outra externa, com toda a pressão popular que sofre diante do clamor a favor das Diretas. Afirma que o quadro não é bom para o governo nem politicamente e nem popularmente. Anuncia o crescimento e amadurecimento da oposição que está conseguindo de forma pacífica e organizada compor um movimento que tomou conta de todo o Brasil e que, independente do resultado da votação da emenda, já é vencedor.

Nesta edição a temática das Diretas é abordada em diversos editoriais: Política, Geral, Executivo Estadual, País, Estado e Cidade. Na página 36, a matéria de abertura refere-se a um comício que ocorreria no dia seguinte em Pelotas e em Santa Maria. Assim, num total de 52 páginas, 16 abordam a temática das Diretas, sendo que os textos permitem ao leitor fazer uma interpretação contextualizada do assunto.

Pelo seu lado, o *Correio do Povo* traz na capa da edição do dia do comício vários assuntos em destaque, centralizando a notícia do evento político em Porto Alegre. “Hoje é o dia do gaúcho, pedir eleições diretas.” Logo abaixo encontramos a seguinte manchete: “Figueiredo desmente o desejo de ir ao comício”. É interessante notar a igualdade em espaço e importância dada às duas matérias. Também na capa, há um pronunciamento do vice presidente da República, Aureliano Chaves. O mesmo afirma que defenderá a aprovação da emenda no Congresso Nacional. Sabemos que havia um interesse pessoal de Aureliano, pois era um dos candidatos à sucessão de Figueiredo. Ele mesmo afirmou que tinha duas estratégias diferentes: a primeira, convencer seus colegas do PDS a apoiá-lo no Colégio Eleitoral caso a emenda não passasse, a segunda a deflagração de uma campanha popular como candidato pelo sistema direto, logo eventual aprovação das eleições diretas.

Percebe-se a estratégia da imprensa jornalística na diagramação do jornal. Colocar as notícias lado a lado como que fazendo um contraponto. Por exemplo, na página 5, onde a manchete central é: “PDS participa do comício hoje em Porto Alegre”. São dedicadas apenas

duas linhas para informar que dois parlamentares do PDS, o deputado estadual Luiz Possebon e o vereador de Porto Alegre Jorge Goulart irão discursar no comício. No mais, toda a reportagem traz informações das decisões do Comitê das Diretas Já, desde a organização da programação do comício, número de oradores e da participação de artistas e músicos. Ao lado desta reportagem há uma outra com o vice-presidente da Assembleia Legislativa, deputado Carlos Araújo, que afirma que o enterro definitivo das eleições indiretas acontecerá no comício da capital. No canto inferior direito da mesma página há uma notícia informando que 34 entidades de classe fizeram um manifesto em apoio as Diretas. Diz o documento que as eleições diretas “constituem a afirmação de um caminho e a tradução de uma vontade, capazes de restituir ao povo brasileiro o direito à cidadania, pelo resgate da legitimidade básica necessária na relação entre governo e nação.” Entre as 34 entidades que assinaram o manifesto estão a Associação dos Profissionais de História do Rio Grande do Sul e a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O editorial desta edição que tem como título “Trabalho e aventura”, comenta o discurso que o ministro da agricultura fez na Festa Nacional da Soja na cidade de Santa Rosa. Numa análise factual observa-se que o editorial aponta o trabalho como uma das soluções para a saída da crise brasileira e denota, como uma aventura, a tentativa das oposições em conquistar as Diretas Já. Segundo o editorial, é uma ilusão pensar que as eleições diretas vão proporcionar a resolução dos graves problemas nacionais. Mas em nenhum momento faz referência a que o governo, através de uma ditadura esteja preocupado em fazer mudanças que visem beneficiar a população. Já o colunista Carlos Maria Ruschel, em sua coluna denominada “Burla”, escreve em tom irônico, sobre o efeito mágico do voto direto. Para ele o povo sofrido está à espera de um salvador da pátria. Por outro lado critica os militares que insistem nas eleições indiretas deixando as coisas como estão, sendo que sabem que as Diretas não vão solucionar nossos vitais problemas. Compreende que tudo isso é um engodo primário, pois as principais causas sociais não serão atendidas nem pelos militares, que estão no poder há quase 20 anos, e nem por uma oposição que briga entre si. “Burla”, porque o povo acredita em mudanças e já, só que elas não virão desta forma, segundo se lê no seu texto.

3.3 14 de abril de 1984: O dia seguinte ao comício

A capa da edição de *Zero Hora* do dia seguinte ao grande comício destaca como manchete principal uma enorme fotografia que traz em letras gigantes, “COMÍCIO PÁRA PORTO ALEGRE, seis horas em defesa das Diretas Já”. Percebe-se que o assunto das Diretas

Já atrai os leitores como que vivenciassem uma experiência. É dado um destaque à afirmação do presidente em exercício Aureliano Chaves, apoiando o movimento. Na matéria principal da edição, o comício ocupa as quatro primeiras páginas da editoria de Política.

No corpo da edição, o tema das Diretas Já, ocupa 16 páginas num total de 52. Destes, a maioria, está na editoria de Política. O assunto também é abordado nos cadernos de Esportes, Informe Especial, Opinião, Cidade e Estado.

Na página 8, o caderno de Política apresenta uma foto do comício com a seguinte manchete: “Uma multidão exigiu eleição presidencial”. A reportagem trata o comício em Porto Alegre como o maior espetáculo cívico-político que a cidade já vivenciou. A multidão presente foi estipulada em torno de 200 mil pessoas, segundo os organizadores. As informações registram que foram seis horas num comício que contou com participação musical, presença de jogadores do Grêmio, João Marcos e Raul e do Internacional Cassiá, que leram um manifesto de apoio as Diretas. Estiveram presentes os governadores Leonel Brizola, (RJ), Franco Montoro, (SP), Iris Rezende (GO) e José Richa, (PR). Também contou com os presidentes do PMDB e do PT, respectivamente deputados Ulysses Guimarães e Luiz Inácio Lula da Silva, além de outros deputados e senadores de diversos Estados além de representantes de entidades sociais e associações privadas. Foi dado destaque ao governador Brizola que em seu discurso criticou a corrupção e reforçou as palavras de Lula. Disse Brizola. “Os militares vasculharam a nossa vida. A minha e a de Jango e não encontraram nada de corrupção. O senhor Lula poderia encontrar isso, sim, nos atuais momentos da vida administrativa nacional, um verdadeiro curso de pós-graduação em corrupção no Governo Federal”. No final de seu discurso conclamou o presidente que vier a ser eleito a proceder como ele quando assumiu o governo do Rio de Janeiro, quando acabou com todos os órgãos de espionagem. Também o discurso de Lula, recebeu um destaque especial. A matéria que trata de sua fala trouxe como manchete: “Lula recebe aplausos e fala até palavrão”. Disse Lula: “A gente reclama que o presidente tem um expediente de duas horas por dia. Mas, pensando bem, devemos até agradecer. Pois vocês já pensaram o que seria desse país com esses problemas todos se o presidente Figueiredo resolvesse trabalhar mais de oito horas por dia? Esse país estaria transformado em uma merda.” Após os aplausos voltou ao seu discurso habitual ao criticar a política econômica do governo que não sabe o que fazer com uma inflação beirando os 240% ao ano, a dívida externa que está em 140 bilhões de dólares e um povo que não tem liberdade. Já o discurso de Ulysses Guimarães expressou com clareza que após a aprovação das Diretas a luta continuaria em busca de uma Assembleia Nacional Constituinte.

Dante de Oliveira, um dos oradores e autor da emenda, afirmou: “20 anos de tirania, opressão e escuridão não conseguiram matar as ideias e ideais do povo brasileiro que está de novo nas praças para conquistar sua soberania”. Sugeriu que se diga ao FMI o mesmo que o índio Sepé Tiaraju disse: “Alto lá, esta terra tem dono”.

Há um destaque especial na reportagem, a presença atuante dos estudantes durante o comício. Numa das faixas, uma chamou a atenção: “Gaúchos e chinas uni-vos. Chega de frescura. Diretas Já”. Também foi destaque um boneco, representando o ministro Delfim Neto e a irônica inscrição: “Dietas Já”. Havia também um boneco de um burro representando o governo.

Segundo os responsáveis pelo policiamento da Brigada Militar aconteceram poucos incidentes durante a manifestação popular e nenhuma prisão. Segundo a reportagem o comício transcorreu em clima de tranquilidade sem nenhum problema de segurança.

O colunista Mendes Ribeiro teceu seu comentário fazendo uma analogia entre a posição de Figueiredo, Aureliano Chaves e o comício em Porto Alegre. Esses três elementos se fundem na temática Diretas Já. Segundo eles, Figueiredo tem a oportunidade de entrar para a história como o último presidente militar que encerrou o ciclo do colégio eleitoral concedendo ao povo brasileiro o direito de escolher seu mandatário maior através do voto direto. Mas está compromissado com o atual sistema que lhe pressiona a deixar para mais adiante a escolha de seu sucessor. Já Aureliano Chaves, em rota de colisão com o presidente e parte do PDS, quer as Diretas, pois tem interesse pessoal, pois pretende ser candidato à sucessão. Finalmente, há alusão aos comícios em todo o Brasil, o povo nas ruas exigindo democracia. Sim, o comício em Porto Alegre foi mais uma demonstração que a democracia é mais uma questão de tempo do que vontade política do governo.

Ana Amélia Lemos, da sucursal de Brasília, escreve que há um temor por parte dos defensores das eleições indiretas. Este temor tem nome e chama-se Leonel Brizola. “Caso haja eleições diretas, Brizola ganharia e poderia ter um governo de revanchismo”. Também há opinião de que Brizola representa um fator de instabilidade podendo levar o país ao caos. Esses fatores são levados em consideração porque Brizola é cunhado de João Goulart. Para o governo o único meio de impedir que Brizola seja presidente do Brasil é manter as eleições indiretas.

No editorial da *Zero Hora*, “O clima que queremos”, é enfatizado o comício em Porto Alegre. Transcorreu num clima de tranquilidade. Cita o exemplo de tanto a Prefeitura como o Governo do Estado pertencer ao PDS mas toda a organização do comício é da oposição. Vê um amadurecimento nas relações políticas, embora contrárias, e afirma que o Brasil está

maduro e caminha para a plena democracia. Totalitarismo e autoritarismo são vírus do passado pois é mister um avanço baseado no diálogo e respeito pela opinião contrária. Desta forma se aponta para dias melhores com uma democracia adulta e estável capazes de buscar soluções para o Brasil.

O *Correio do Povo* também reconheceu o grande evento da capital do Estado. Tal reconhecimento inicia com a manchete de capa do *Correio do Povo*: “O MAIOR COMÍCIO GAÚCHO”, a edição traz uma grande foto panorâmica do comício em Porto Alegre. Nas páginas 5 e 6 todas as reportagens trata do comício e sua repercussão. Dados como o número de participantes são conflitantes, pois a Brigada Militar informa ter havido 70 mil pessoas; já os organizadores falam em mais de 200 mil. Quanto ao tempo de duração do comício a reportagem destaca que Brizola discursou quase trinta minutos extrapolando o tempo estimado para cada orador, que era de três minutos. Mas Brizola foi o orador mais aplaudido pela multidão. Em uma ampla cobertura jornalística a reportagem procurou trazer a público todos os fatos marcantes. Um fato que provocou a multidão fazendo-a manifestar-se com vaias foi quando o deputado estadual do PDS, Luis Possebon discursou. Em seu breve discurso disse que respeitava as vaias e que ele entendia não serem dirigidas a ele mas sim ao sistema. Alguns destaques merecem registro especial. O discurso de Luis Carlos Prestes, 86 anos, empolgou a multidão sendo interrompido pela manifestação popular que gritava o seu nome. Disse Prestes que devemos escolher um presidente que faça as transformações sociais que são exigidas há 20 anos pela população brasileira. Estudantes encenaram um enterro do FMI e do colégio eleitoral, exibindo um caixão. Já Renan Kurtz, do PDT, presidente da Assembleia Legislativa, disse que o comício orgulha a todo o Rio Grande do Sul, que está unido com o povo brasileiro nas praças públicas clamando por eleições diretas.

Paradoxalmente, o editorial desta edição não comenta nada sobre o comício. “Brasil parado?” Este o tema do editorial fazendo uma análise do pouco desenvolvimento e crescimento do país. Interessante, pois após o maior comício da história no Rio Grande do Sul, o jornal não usou o seu espaço de opinião habitual e por excelência. Se pensarmos bem, é proposital, afinal em meio a tanta manifestação popular e com o povo nas ruas a de se pensar que o Brasil está parado, o povo não está trabalhando. É necessário, afirma o editorial, que foi através da tenacidade e disciplina que muitos povos venceram a recessão e o atraso. Conhecemos bem esses jargões juntamente com a voz de comando que saíram dos quartéis e tomaram o poder no Brasil. Assim, o editorial reafirma a sua postura de apoio ao sistema. Cyrino Machado de Oliveira, em sua coluna: “A democracia na Candelária”, aposta na rejeição da emenda. Em sua opinião todas as manifestações de rua não serão suficientes

porque a oposição não está preparada para governar. Afirma que há divisões e brigas internas na oposição e que esta não tem maturidade. Cita o depoimento de um auxiliar de restaurante, Edir Candido, 25 anos. Disse: “Não acredito mais em nada, direta ou indireta, não irão resolver meus problemas”. O colunista, entre mais de um milhão de cariocas, conseguiu encontrar um pessimista e fez dele o porta voz da desesperança. Fica clara a intenção do jornal em ser contrário ao clamor popular pela volta da democracia.

No caderno de política há duas entrevistas, uma com o general Rubem Ludwig, ministro chefe do gabinete militar. De Madrid, falou aos jornalistas brasileiros dizendo que estão armando a “baderna”, investindo na violência e repetindo 64. Segundo o ministro, os movimentos populares de rua, quebra-quebra e atos de violência são acontecimentos que precederam 64. Após vem a “baderna”, desabafou o general. Ao lado desta entrevista está outra na qual o presidente em exercício Aureliano Chaves afirma ser favorável as Diretas e que é contrário a qualquer tipo de pressão constrangedora contra o Congresso Nacional. Disse que as eleições diretas são uma aspiração do povo e que o presidente Figueiredo manterá sua disposição a fim de consolidar a vida democrática no Brasil. Nestas duas entrevistas podemos observar o espaço destinado aos personagens no governo num momento de grande mobilização popular onde a campanha das Diretas toma enormes proporções.

Estas são uma síntese das principais reportagens dos maiores periódicos em circulação em nosso estado. Dentro de uma abordagem jornalística, eles conseguiram transmitir o clima e cenário das movimentações do comício em Porto Alegre. Embora sempre abrindo espaço para as notícias envolvendo a participação do governo civil-militar no processo político seja através de entrevistas e nos próprios editoriais. Esses editoriais sempre tinham um tom de ceticismo quanto às manifestações populares. Para isso alegam “imparcialidade” e/ou “neutralidade”. Sabemos que a mídia brasileira, com raras exceções, posicionou-se, desde o início, de forma favorável à ditadura e por isso foi favorecida pelo governo. Ao pesquisar a forma como o jornal *Correio do Povo* fazia as reportagens, percebi que sua tendência foi de apoiar a ditadura civil-militar. Manteve-se numa linha conservadora e usando de seus editoriais deixava claro que a oposição política brasileira tinha comportamentos um tanto irresponsáveis. *Zero Hora*, por ser um jornal mais recente, apresentou uma postura mais sensível ao clamor popular. Alguns de seus colunistas, como Luiz Fernando Veríssimo, usaram da ironia para escrever sobre o medo dos militares em perder o controle da situação política e social no país.

Dessa forma, foi possível analisar um pouco mais detalhadamente como a mídia impressa tratou um dos maiores movimentos populares de massas na história do Brasil.

Considerando a forma de atuação da mídia, de forma geral, como sendo tímida e conservadora durante a campanha das Diretas, percebeu-se que a realidade dos fatos foi tão forte, se tornou insustentável escondê-la da população. O clamor popular, as manifestações de ruas, comícios e passeatas deram mostras do que o povo brasileiro era capaz. Não houve outra possibilidade para a mídia impressa do país e do Rio Grande do Sul em particular, senão mostrar e relatar a realidade deste importante momento histórico que mexeu com todo o Brasil.

CONCLUSÃO

A partir da análise empreendida neste trabalho, compreende-se o quanto o movimento das Diretas abriu caminho para a restauração da Democracia no Brasil. Foi o despertar de toda uma nação que sufocada pela repressão com coragem e determinação enfrentou e resistiu a ditadura civil-militar e exigiu seu pleno direito de escolher via direta e secreta o seu presidente da República. O povo brasileiro deu uma aula de cidadania portando-se, neste período, de uma forma ordeira, pacífica e, principalmente, dentro da Lei. Provou a sua força quando encheu as praças e ruas de norte a sul do Brasil. Tornou-se um agente de transformação no processo democrático superando vários obstáculos. Os militares junto com a direita conservadora usaram de todos os artifícios para impedir que o povo brasileiro retomasse seu direito soberano de escolha. Viram que era uma questão de tempo, pois exemplos destes da sociedade brasileira, mesmo quando o Congresso Nacional rejeitou a Emenda Dante de Oliveira, já haviam se posicionado a favor da Democracia. Não podemos esquecer este movimento que foi o divisor de águas na vida política, social e econômica deste país. Esquecer significa, entre outros aspectos, acomodar e aceitar as imposições de governos que não trabalham visando o interesse comum de todos os cidadãos. Quando um povo sabe do poder que tem em suas mãos, mentes e corações, ao resgatar em sua memória seus feitos, passa de assistente passivo a agente de transformações sociais. A Campanha das Diretas mostrou que mesmo num período de ditadura e repressão é possível de uma forma organizada, criativa e inteligente mudar os rumos de uma nação. Por isso faz-se necessária lembrar à sociedade civil que todo o poder emana do povo, isso é Democracia participativa.

No Rio Grande do Sul encontramos uma nova geração focada e ativada para a construção de um novo país. A classe política, representada em sindicatos, entidades como OAB, UNE e CNBB entre tantas outras, se uniu em prol de um mesmo ideal. Um novo tempo estava nascendo e com ele a esperança de toda uma nação. O povo gaúcho com determinação esteve sempre a frente das decisões nacionais levantando sua voz quando estas não eram favoráveis ao país. Destaca o Senador Pedro Simon que o general comandante do III Exército apoiava o ex-presidente João Goulart e que a maioria da tropa estava com ele. Não houve uma resistência armada aqui no Rio Grande devido ao plano dos Estados Unidos em intervir militarmente no Brasil o que traria graves consequências. O fato de a Assembleia Legislativa gaúcha permanecer aberta resistindo a proibição imposta pelo AI 5 demonstra a firme posição política da oposição em buscar soluções possíveis a fim de enfrentar a ditadura civil-militar.

Foi um dos poucos espaços públicos abertos em que se podia falar em política no Brasil. Foi assim que toda a oposição unida decidiu, aqui em Porto Alegre, que a prioridade de luta era o retorno imediato de eleições diretas para presidente da República.

O senador José Fogaça, como presidente do Comitê das Diretas Já no Rio Grande do Sul, resumiu sua fala afirmando que a Campanha das Diretas foi aquilo que de mais arrebatador e emocionante aconteceu em toda a sua vida pública. Foram organizados comícios e seminários nas principais cidades do interior e destacou que o ponto alto foi o maior comício na história do Rio Grande do Sul, no dia 14 de abril de 1984. Nossa pesquisa confirma que em nosso Estado foi gestada a campanha das Diretas e os protagonistas desta campanha, ao serem entrevistados deram uma grande contribuição para este trabalho de recuperação da memória histórica desses acontecimentos.

A mídia gaúcha apesar de sua postura conservadora divulgou em seus principais jornais muitas informações sobre a campanha das Diretas. A cobertura do jornal *Zero Hora* e *Correio do Povo* do grande comício em Porto Alegre foi realizada mais num viés informativo do que de apoio ao movimento. Mas tamanha foi a abrangência do comício que era impossível não noticiar tão importante manifestação popular e os desdobramentos políticos que a campanha adquirira. Vimos em *Zero Hora* uma postura mais voltada às aspirações populares, seus editoriais e seus principais columnistas apontaram o diálogo e as negociações como uma saída para a crise que o país vivia. No *Correio do Povo* percebemos uma posição de apoio a ditadura civil-militar; ao noticiar algo sobre as Diretas, logo ao lado da matéria estava uma reportagem do governo federal contrariando ou diluindo o discurso da oposição. Podemos entender o que os meios de comunicação sofriam naquele momento, porém não podemos deixar de registrar que o compromisso em divulgar a verdade dos fatos deve ser a prioridade da mídia independente de pressões de governantes.

Assim neste trabalho de pesquisa procuramos resgatar um importante fato histórico que merece um maior e profundo estudo. Foi possível, através das entrevistas dos protagonistas entender melhor que o caminho para a redemocratização do Brasil passou por diversas etapas e que a Campanha das Diretas Já ajudou a estremecer os alicerces da ditadura civil-militar encurtando a sua duração. O Brasil após o movimento das Diretas emergiu como nação no qual o povo brasileiro fez ouvir a sua voz exercendo sua cidadania.

No Rio Grande do Sul, as Diretas Já deixaram marcas que ultrapassaram o tempo. O ex-governador Olívio Dutra, disse que se inspirou neste movimento popular para implantar o Orçamento Participativo quando assumiu a Prefeitura de Porto Alegre em 1988. Para ele a cidadania só tem valor quando participa ativamente na vida e decisões dos governos. A mídia

gaúcha amadureceu um pouco mais em relação às manifestações populares, percebendo que o movimento era pacífico, organizado e que tinha um único objetivo, resgatar a Democracia.

Considerando a pouca bibliografia existente sobre o tema, as consequências políticas e sociais que a Campanha das Diretas Já trouxe ao país, concluímos que ainda há muito que pesquisar sobre este importante período da história recente do Brasil. Nosso propósito é contribuir, embora de uma forma humilde, para o resgate da memória de tão grande manifestação popular que tomou conta de todo o país na luta pela redemocratização do país. As entrevistas, em anexo, como fontes orais, servirão para material de pesquisa para futuros estudos. Particularmente foi um privilégio poder entrevistar alguns dos principais protagonistas desta campanha e ajudar a descortinar um pouco mais um passado recente que merece ser mais explorado.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Manual de história**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Marialva. **Jornalismo e História**: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia; MOREL, Marco (org). Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1987.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

FISHLOW, Albert. **Uma história de dois presidentes**: a economia política da gestão da crise. In STEPAN, Alfred. Democratizando o Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 137-197.

FRAGA, Gerson Wasem. **Branco e Vermelhos**: A guerra civil espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JESUS, Rosane Martins. **Entre notícias, reportagens e editoriais**: a Folha de S.Paulo e a elaboração do enredo da Campanha Diretas Já. In: Anais do XI Congresso Regional de Ciências da Comunicação - Intercom Nordeste. CD-rom, 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil**: diário da campanha das Diretas. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA, Dante de. **Diretas Já**: 15 meses que abalaram a ditadura. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Diretas Já**: O grito preso na garganta. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRADO, Marco A. **Movimentos sociais e massa**: Identidades coletivas no espaço contemporâneo. In: MAIA, Rousiley & CASTRO, Maria Céres P. (org). Mídia, esfera pública e identidades coletivas. Belo Horizonte: Editora UFMG. P. 193-212.

SKIDMORE, Thomas E. **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERIÓDICOS

JORNAL ZERO HORA: Abril de 1984. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

JORNAL CORREIO DO POVO: Abril de 1984. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO: Acervo digital do Jornal Folha de São Paulo. 1984. www.acervofolhasp.com.br. Site visitado em 01 de Julho de 2013.

ENTREVISTAS

Alceu Collares. Entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013, às 15 hs, na residência do entrevistado.

José Fogaça: Entrevista realizada no 1º de novembro de 2013, às 10 hs, na residência do entrevistado.

Olívio Dutra: Entrevista realizada no dia 10 outubro de 2013, às 16:40, na sede estadual do PT, rua Ramiro Barcellos, 330.

Paulo Egon: Entrevista realizada no dia 14 de novembro de 2013, às 9:40 hs. Esta entrevista foi realizada por telefone. O entrevistado reside em Brasília DF.

Pedro Simon: Entrevista realizada no dia 04 de novembro de 2013, às 10 hs, na residência do entrevistado.

ANEXOS

ANEXO 1

Alceu Collares. Entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013, às 15 hs, na residência do entrevistado.

Marcos: É uma satisfação estar entrevistando o senhor. Meu pai foi um ferroviário de Santa Maria e votava no senhor. Qual foi a sua participação no movimento das diretas já?

Collares: Primeiro pela alegria de estar conversando contigo, porque descende de um Ferroviário.

Marcos: É verdade!

Collares: De Santa Maria.

Marcos: Da boca do monte.

Collares: Da boca do monte. Que era uma espécie de central ferroviária, centro ferroviário dos mais avançados do Brasil.

E também a alegria da lembrança do meu nome porque eu entrei pro BTB quando cheguei de Bagé. Eu já era Getulista, trabalhista, Brizolista, né! Cheguei de Bagé já tendo ingressado na Faculdade de Direito da UFGRS, pra fazer Direito. Eu em seguida me inscrevi pro BTB em 1956, ... 1956. E como eu era pobre tinha adoecido fui obrigado embora não sendo professor, a lecionar a língua portuguesa. Professor de língua portuguesa sem titulação. Mas a minha entrada ali, depois já era telegrafista nos correios. E logo em seguida os companheiros, porque eu tinha lá cooperativa, tinha líder sindical, me pediram pra ser candidato pra vereador, em 1963,... 63! No auge das culminâncias daqueles debates, daquelas discussões. Já tinham corrido aqui os 61 com o Brizola, que é a grande figura. Então em 63 eu fui candidato pra vereador e assumi com Sereno Chesse que foi candidato e ganhou a eleição pra prefeito do PTB. Nós éramos do PTB, éramos do PTB, éramos do PTB. Então, ganhando a eleição ele assumiu em março de 64. Eu estou fazendo essa busca no passado pra provar que politicamente sou um homem de sorte, mas sempre toda a ditadura estive na oposição. Eu fui situação um mês só com o Sereno. Assumimos em março e veio a ditadura, e nós, e caçaram o Sereno, e nós fomos pro MDB – Movimento Democrático Brasileiro. E desses instrumentos todos que foram criados, alguns pra fazer de conta! Os partidos foram criados pra fazer de conta que eram democracia. Alternância no poder que os militares faziam eram também pra fazer de conta. Porque a essência, o centro era a ditadura, a ditadura militar. Então eu fui situação um mês só, depois passei a ser oposição. E durante o tempo em que vereador fui,

depois Deputado Federal já como federal eu ingressei em Brasília num grupo de jovens, ingressamos no MDB – Movimento Democrático Trabalhista, que tinha como dirigente o Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Teotônio Vilela, Nelson Carneiro.

Marcos: Grandes nomes da nossa política.

Collares: É! Mas a grande juventude nossa, eu... daqui do Rio Grande... Dias, Nadir Rossete e outros [...] Maciel, Fernando Lira, morreu há pouco. Nós formamos um grupo chamado autênticos [...] de jovens no PMDB . Porque nós tínhamos na nossa mentalidade a vontade de apressar a democracia [...] e sentíamos que os moderados, Ulysses Guimaraes e o Tancredo Neves eram mais calmos, mais tranquilos, e nós mais incendiários.

Marcos: Jovens bem mais ...

Collares: Mais fogosos. Queria que acabasse logo. Então começa ali uma luta monumental interna, dos autênticos com os moderados. Digamos assim, conflitos de posições, embora todos na oposição. Nós achávamos que eles tinham que andar mais depressa, que eles tinham que ser mais desaforados, que eles tinham que enfrentar a ditadura com mais vigor, com mais energia. [...] O próprio Tancredo era conciliador. Mas nasce naquele meio uma série de ideias, entre as quais da anti-candidatura do Ulysses. [...] Dante de Oliveira que apresentou a emenda constitucional restaurando as eleições diretas era do nosso grupo, [...] do grupo autêntico. Começaram vários movimentos, anti-candidatura, os discursos, a tentativa de resistir a ditadura, né. Fora aqueles nossos que foram pra luta armada, também homem de oposição. A sociedade estava dividida entre aqueles que no meu entendimento defendiam o sistema ditatorial, que foi imposto por participação dos Estados Unidos, em toda América. [...] Toda América antes das ditaduras vinha tentando avançar principalmente no social. Toda América, os homens e mulheres de sensibilidade, inconformados com as desigualdades buscavam duma ou de outra forma as posições de esquerda, [...] no sentido das transformações políticas, econômicas, sociais, culturais. Ao contrario da direita que é conservadora e as vezes reacionária, essa não quer mexer em nada, deixa assim, assim é que é bom pra nós. Deixa assim, é que é bom pra nós! Bom pra eles que estavam no poder! [...] pras classes dominantes, pra aqueles que mandavam. Então esse grupo autêntico prestou relevância disso, e um deles eu fui o autor. Porque eu fui quem criou pela primeira vez no Brasil uma fundação de estudos econômicos políticos e sociais. Naquela época da ditadura. E nós tentamos com Ulysses, e depois queríamos dar o nome de Alberto Pasqualini, porque eu era trabalhista. Eles não... lamentavelmente tá morrendo o companheiro Pedroso Horta, que era um grande líder [...] Então a primeira tentativa nós conseguimos criar essa fundação de estudos políticos

econômicos sociais culturais em nome de Pedroso Horta. E com ela eu e os companheiros de direção nós tentávamos avançar. Então marcamos um congresso pra realizar em Brasília. E eu nomeado presidente, porque fui eu o autor da ideia da criação [...]. Criado a fundação em seguida eu marquei o congresso pra se realizar em Brasília. Mas quando eu estava aqui em Porto Alegre, fim de semana, faltava um mês pra realização do evento, um líder daqui de Santa Catarina, Laerte Vieira era líder do PMDB, diz: ‘olha os moderados, Ulisses e o Tancredo, também Teotônio Vilela e o Nelson Carneiro, acho que não dá pra fazer aqui na boca do trovão, um furacão, não dá pra fazer porque vai, evidentemente se fizer um congresso pode passar dos limites, pode ter agressões, vamos fazer em Santa Catarina’. Aí fizemos aqui em Florianópolis. Eu trouxe pela primeira vez aí o Fernando Henrique Cardoso.

Marcos: Ah é?

Collares: [...] No primeiro seminário que nós fizemos, quando Tancredo foi falar, um grupo de esquerda, inclusive chegaram pra alguns daqui e não queriam deixar ele falar, porque achavam que ele era moderado, achavam que ele era direita. Mas de tal maneira o velho falou que no fim foi carregado pelos jovens. Sabia tudo, [...] era um monumento de líder. O segundo seminário nós realizamos, também, não deixaram realizar em Brasília, fomos realizar em Sergipe. Mas o terceiro [...] quem conseguiu a regulamentação do direito do uso de rádio, televisão em cadeia, transmissão das ideias, das concepções, fundamentos, projetos do programa do partido – não pra isso que fazem hoje – pra transmitir ideias, programas, projetos, fui eu. Estava na lei o direito, como eu era o líder e presidente do instituto de estudos políticos econômicos sociais Pedroso Horta, eu consultei uma figura chamado [...] deputado federal aqui, conhecia direito eleitoral como gente grande. Olha, tem aqui um direito, e o que falta é regulamentar. Mas quem é que tem que regulamentar? Está aí na lei, é o Tribunal Superior Eleitoral. [...] Aí eu peguei o requerimento levei pro Ulysses Guimaraes e ele não queria assinar – Mas tua acha que eles vão dar isso pra gente? Como é que eles vão dar Rádio e Televisão pra nós falar mal deles? Esse teu enganismo está fora de moda, fora de época. E eu disse: Dr.Ulysses, se eles não derem nós ficamos como estamos, sem nada. E se eles derem? Assinou, e eles regulamentaram. Isso ninguém sabe. Eles regulamentaram e nós marcamos, nossa direção, eu e os outros, com Ulysses Guimarães, uma data pra realização de um seminário do [...] do MDB em Brasília em 1977. Falamos Ulisses Guimaraes como presidente, o Franco Montoro como líder do senado, Alencar Furtado como líder da bancada do MDB e Alceu Collares como Presidente. Por uma hora pra sessenta milhões de brasileiros. Os discursos mais fortes e violentos foram feitos, mas o mais vigoroso foi o de Alencar

Furtado. Foi um discurso histórico, um dia a história vai restaurar pelo menos em homenagem a figura do Alencar, está vivo ainda graças a Deus. [...] E eu dentro da minha formação falei sobre programa social, sobre salário mínimo. Na noite deste programa todos foram cassados.

Marcos: Ah é?

Collares: Quando é no outro dia de manhã, chegam o ministro da justiça e disse pro Figueiredo: ‘Mas Figueiredo, não pode cassar o Ulysses, não pode cassar o Franco Montoro, e esse Collares falou só em salário mínimo...’. Cassaram só o Furtado. Maior injustiça. Mas a história ainda vai fazer justiça com ele.

Marcos: Vai resgatar...

Collares: Bom, este foi um dado, mas aí já havia o movimento pelas diretas a tese do grupo e também dos moderados, as diretas já era a bandeira que foi levantada primeira por Teotônio Villela no nordeste segundo ou antes talvez o Dante de Oliveira apresentou uma emenda constitucional adotando a eleição direta

Marcos: Foi bem específico

Collares: Bem específico, foi derrotado por meia dúzia de votos mas foi o instrumento na consciência da massa principalmente da juventude provocou as diretas já. Foi daí deste movimento interno do MDB desde núcleo, principalmente do Dante de Oliveira, Teotônio Villela e do próprio Ulysses Guimarães e Tancredo e também Tales Ramalho e o nosso grupo todo aí sobre as eleições diretas não havia discrepância lá dentro. Todos eram de acordo que se desencadeasse um movimento nacional para buscar as eleições diretas que seria devolver ao povo aquilo que do povo é de formar, construir, constituir a soberania nacional, soberania que só vem do povo. É uma tradição, uma definição do próprio Abraão Lincoln que a democracia é um sistema que vem do povo, para o povo e pelo povo. Quando o povo é que reside a soberania popular, a vontade popular. Então com essa emenda desencadeou um processo nacional, São Paulo, Rio, Minas, Nordeste, aqui nós fizemos a frente da prefeitura.

Marcos: Um dos maiores comícios que teve.

Collares: Maior de todos, e se não me falha a memória o Brizola já estava aqui, no palanque ali em frente da prefeitura. Nós todos ali pedindo, exigindo que o militares devolvesse ao povo o direito de eles escolherem, do povo escolher o seu presidente da república. Foi dos movimentos mais fantásticos porque as criaturas, os jovens principalmente saiam pelas ruas pelas praças diretas já, diretas já, era uma bandeira só, era um vigor só, era uma força só.

Marcos: Um grito só.

Collares: Um grito só, um clamor só que vinha do fundo da alma da gente brasileira, queriam que lhe fosse devolvido aquilo que dele é, o direito de eles escolherem quem é que vai mandar no país, Foi um dos momentos mais lindos da vida brasileira.

Marcos: E a sua participação neste comício foi importante também?

Collares: Todas que eu podia eu participava.

Marcos: O senhor agregou bastante pessoas do próprio seu partido?

Collares: O trabalhismo estava inteiro, em peso, não tinha dissonância, não havia discrepância, a bandeira das diretas já empolgou a alma da nação. Empolgou homens, mulheres, jovens, velhos, brancos, pretos, todos numa só voz diziam a nação: queremos eleições diretas, as diretas já. Não sei se um outro movimento teve a dimensão social, política das diretas já, empolgou totalmente a alma coletiva da nação brasileira.

Marcos: E o senhor lembra como foi a cobertura da mídia neste período.

Collares: A mídia ela tem um lado. Está a serviço do capitalismo.

POEMA: O voto e o pão.

Manda no teu destino, mas ele é teu meu irmão

Ergue os teus braços finos e acaba com a espoliação

Faz a tua revolução

O voto é tua única arma põe o teu voto na mão (3X)

Tua casa está caindo pouca comida tem no fogão

A tua mulher tá mal vestida e teu filho de pé no chão

Faz a tua revolução

O voto é tua única arma põe o teu voto na mão (3x)

Escravidão feudalismo capitalismo socialismo solidarismo tudo em vão

Vai milênio vem milênio e tu continua na escravidão

Faz a tua revolução

O voto é tua única arma põe o teu voto na mão (3x)

Cristianismo, judaísmo, islamismo todos querem a tua salvação

E tua rezas noite e dia mas ninguém ouve a tua oração

Faz a tua revolução

O voto é tua única arma põe o teu voto na mão (3x)

Construíste com teu trabalho toda a riqueza desta nação

Por justiça tens o direito vai pegar o teu quinhão

Faz a tua revolução

O voto é tua única arma põe o teu voto na mão

A liberdade é o pão do espírito do corpo a liberdade é o pão

Desperta pra luta ó amigo faz a tua revolução

O voto é tua única arma põe o teu voto na mão.

ANEXO 2

José Fogaça: Entrevista realizada no 1º de novembro de 2013, às 10 hs, na residência do entrevistado.

Marcos: senador como foi este trabalho, por favor?

Fogaça: este trabalho foi como diríamos, uma grande surpresa, um momento completamente inesperado para todos nós, porque de repente o deputado Dante de Oliveira do MT havia entrado com uma emenda pela aprovação para eleições diretas quando nós estávamos vivendo um momento ainda de discussão do Colégio Eleitoral, estávamos vivendo um momento de discussão a respeito de como nós iríamos encerrar o governo militar e iniciar uma nova etapa de democracia no Brasil. E não tínhamos ideia se as eleições seriam antes ou depois da constituinte, havia uma previsão do Colégio Eleitoral e este poderia ser uma transição, mas um grupo de parlamentares autênticos comprometidos pela democracia, formou o grupo diretas já, queria de todas as formas que não houvesse o Colégio Eleitoral que nós já no encerramento do mandato do presidente Figueiredo, nós já participamos para um campanha eleitoral de eleições diretas para que o povo brasileiro pudesse experimentar, já imediatamente o gosto da participação.

Marcos: e o senhor foi coordenador aqui no RS e era bem difícil naquela época de ditadura e as oposições meio ruivas, difícil, o senhor teve que conviver com extremistas, como foi para o senhor coordenar aqui no RS?

Fogaça: foi realmente muito difícil, porque era um momento duro, era uma transição muito estreita, muito apertada, havia muita repressão ainda, talvez uma desejo de controle para que as coisas não saíssem do lugar, o governo militar queria bater em retirada, queria recuar, mas ainda manter as rédeas nas mãos e me lembro perfeitamente que quem assumiu a liderança e a coordenação nacional deste movimento pelas diretas foi o Dr. Ulysses Guimarães, que era presidente da câmara dos deputados e ele me designou então para ser o coordenador da campanha aqui no RS e nós fizemos, creio, um belo trabalho. Tanto que o primeiro comício das diretas, primeiro entre todos, foi feito aqui no RS na cidade de Cachoeira do Sul. Começamos no interior até pra fazer uma espécie de experiência, fazer uma sondagem para ver como a população reagia e também, caso o comício não desse certo, não houvesse uma participação popular tão intensa como nós esperávamos, teríamos que tomar providência de maior divulgação, maior propaganda porque é claro, naquele momento a imprensa estava sufocada e a imprensa não dava toda a cobertura e toda a divulgação que nos precisávamos.

Então o primeiro comício das diretas foi decido aqui em Porto Alegre, na presença do Dr. Ulysses e foi realizado na cidade de Cachoeira do Sul.

Marcos: e a reação do povo lá em Cachoeira foi interessante? O pessoal apoiou?

Fogaça: foi muito interessante, e desde logo houve uma grande manifestação popular, aquilo estava latente, estava dirimindo assim na consciência do povo e parece que aquilo veio atender uma demanda, veio preencher uma lacuna, uma necessidade do povo, e nós percebemos então que a campanha das diretas já ia incendiar o Brasil, como foi o que de fato aconteceu. Depois nós fizemos mais um comício aqui na esquina democrática ali na Borges com a rua da praia com a presença do Dr. Tancredo neves, do Dr. Ulysses. Grandes lideranças nacionais, fizemos uma caminhada pela praia de Capão da Canoa ainda no verão de 35, 40 graus, todos de calção, roupa de banho. Orestes Quércia estava presente, Dr. Pedro Simon também, na liderança. Todos nós fizemos uma grande caminhada encerramos um comício na frente do mar para sensibilizar os banhistas, os turistas que estavam nas praias naquele momento. E o grande comício final realizado em Porto Alegre foi no largo da prefeitura, na presença daí sim, das grandes figuras brasileiras nacionais desde Dr. Ulysses, Tancredo, também o Lula, estava presente Fernando Henrique Cardoso, é aquelas figuras mais representativas maiores até que o próprio Dante de Oliveira, Brizola. Também havia naquele momento uma grande euforia, eu diria um entusiasmo, assim, uma convicção plena que as diretas seriam aprovadas no congresso. Supõe-se, calcula-se que quase 200 mil pessoas ocuparam o largo da prefeitura naquela noite para participar e pra dizer sim a campanha das diretas já.

Marcos: e particularmente senador, para o senhor que coordenou ver a multidão, mais de 200 mil pessoas naquele comício foi uma experiência muito forte para o senhor?

Fogaça: foi o grande momento, talvez o momento mais emocionante mais arrebatador de toda a minha vida pública. O que nós tínhamos feito para mobilizar a população? Nós fizemos uma serie de comícios relâmpagos, nós subíamos em cima de uma cadeira na rua da praia, na Borges de Medeiros, Marechal Floriano, lá na subida da rua da praia na praça da Alfandega, no largo dos Medeiros, fosse onde fosse nós botávamos a cadeira subíamos em cima e com o megafone convocávamos a população para que a população viesse ao comício que se realizou aqui em Porto Alegre.

Marcos: e depois do resultado que foi um tanto frustrante interessante que a oposição não se entregou havia uma luta que continuava após as diretas né senador?

Fogaça: é verdade a votação da emenda das diretas acabou não sendo bem sucedida foi rejeitada, mas aquele mesmo grupo que se empolgava na campanha das diretas acabou indo para o colégio eleitoral, participando para impedir a vitória de Maluf que era o outro candidato e assegurar a vitória de Tancredo, que era o outro candidato em nome das oposições, o que acabou acontecendo foi à vitória de Tancredo que infelizmente morreu antes de assumir.

Marcos: e também havia na oposição, um grande sentimento por uma nova constituinte. Senador, o senhor poderia falar alguma sobre isso?

Fogaça: quando Sarney assume no lugar de Tancredo que na verdade nunca chegou a pisar no palácio como presidente e nunca sentou na cadeira de presidente, infelizmente a saúde não estava boa e a morte o levou antes de ser presidente da república. Mas quando Sarney assumiu como vice em seu lugar emerge então a figura grandiosa, maiúscula, vigorosa do Dr. Ulysses Guimarães acenando, agora sim não mais apenas com a bandeira das diretas, eleições diretas já era pouco, o que o Dr. Ulysses queria era Assembleia Nacional Constituinte para mudar por inteiro toda a legislação, todo o sistema de governo, toda a estrutura representativa democrática do país criando as liberdades os direitos as garantias o estado de direito que culminou com a grande luta pela constituinte e a instalação da Assembleia Nacional Constituinte que veio acontecer no ano de 1987.

Marcos: senador, as suas considerações finais diante deste grande movimento que foi um divisor de águas para o nosso país, as novas gerações pouco conhecem, o que o senhor poderia deixar para nós?

Fogaça: pois olha, eu digo o seguinte: se nós dividirmos o Brasil, a história da república em cinco blocos históricos que correspondem aos dedos das mãos vamos, ver que de 1889 que foi o período em que se fundou a república até 1914, início da primeira guerra mundial, de 14 até 39 início da segunda, de 39 até 64 vamos ver que em todos estes períodos sempre houve guerra civil, ameaças, derrubadas de presidentes da república, tentativa de impedir a posse, golpes militares, sempre houve rupturas institucionais que significavam ameaças e a grande instabilidade, e a grande fragilidade da nossa democracia. Pois destes cinco blocos históricos é justamente o que vai de 88 a 2013, o último quarto de século, o único que não teve nenhum golpe de estado, nenhuma ameaça a democracia. Elegemos presidentes, pode-se não gostar de um, não gostar de outro, pode a gente ser oposição a outro e ser a favor a um tanto faz a sua oposição, o importante é a tolerância e respeito democrático de assegurar o direito de alternância. O direito de escolha, o direito livre do povo brasileiro em construir o seu caminho

de desenvolvimento, de independência, de igualdade social, de busca de maior justiça, um país, mais ético e mais respeitado pelo mundo. Acho que isso é fruto da democracia, foi a democracia gerada pela constituição de 88, permitiu ir dando os passos que demos. Teve o momento Collor, que foi o impeachment, mas enfim mesmo o impeachment estava dentro das regras democráticas, nenhuma instabilidade, nenhuma ameaça a democracia. Depois tivemos Fernando Henrique Cardoso com o plano real, pondo fim a uma inflação história de 40 anos que o Brasil viveu, não é? Colocando o Brasil nos trilhos, iniciando uma nova era, e temos agora o período Lula que também deu os passos que deveria dar de modo que a democracia fez muito bem ao Brasil.

Marcos: então senador, podemos concluir que avançamos como país, como nação prosperamos e com a participação popular?

Fogaça: sem dúvida, a participação popular se tornou o grande balizador, se tornou o grande delineador, os limites do que nós podemos ou não podemos fazer, daquilo que é necessário, que é bom para o país, com erro e acertos. Nenhum povo é perfeito, todos os povos têm as suas crises, mesmo as nações mais poderosas do planeta economicamente mais desenvolvidas vivem as suas crises, mas com tudo isso o Brasil está conseguindo dar passo a passo, está conseguindo fazer o seu caminho para o futuro.

Marcos: muito obrigado senador.

Fogaça: eu que agradeço Marcos, muito obrigado e parabéns pelo teu trabalho.

ANEXO 3

Olívio Dutra: Entrevista realizada no dia 10 outubro de 2013, às 16:40, na sede estadual do PT, rua Ramiro Barcellos, 330.

Marcos: Senhor governador, qual foi a sua participação na campanha das diretas já no Rio Grande do Sul, o senhor como sindicalista e na época como membro do PT do RS?

Olívio: foi uma participação intensa por dentro do movimento social, sindical, popular, comunitário, é desde o levantamento de questões que certamente deveriam ser tratados no processo constituinte porque pra se fazer a constituição tem que ter um processo, não é, que desencadeie uma eleição dos constituintes homens ou mulheres, então os constituintes tinham que, os candidatos a constituintes tinham que vir aos movimentos ou se dirigir a eles com propostas, ideias, questões a serem não é, debatidas e ver se elas interpretavam os anseios das comunidades. Bom então o movimento sindical o movimento popular a minha categoria os bancários, por exemplo, fizemos muitas reuniões debates né assembleias reuniões inter categorias, reuniões com diferentes movimentos, isso antes da eleição propriamente dita. Porque a eleição foi em 86, o processo constituinte na verdade começou logo após a derrubada das diretas no Congresso Nacional, então a partir dali o que nós queríamos né, as diretas, e o congresso acabou com as diretas, e criou um tal de colégio lá, e daí o povo se mobilizou a cidadania se despertou. E a campanha da constituinte deslanchou pelo país afora e os movimentos sociais tiveram importância grande aí, e eu participava não só como integrante do PT, pois fui um dos fundadores, e direção nacional e estadual, etc., mas como um dirigente militante social em especial da minha categoria os bancários. Então nós tínhamos demandas específicas na área da ciência e tecnologia, por exemplo, na área dos direitos sociais, a questão da igualdade da justiça o funcionamento do aparelho do estado, nas três dimensões federal, estadual e municipal porque isso funcionasse numa lógica não do interesse dos mais poderosos, mais ricos, dos mais influentes, mas que funcionasse para atender as demandas da maioria da população, sobre o controle inclusive público e não privado destas questões, nós né, nós estivemos sempre balizando as nossas discussões neste processo todo e quando se deu as eleições os partidos evidentemente fizeram as indicações de suas candidaturas e eu entrei na lista dos candidatos do meu partido, Partido dos Trabalhadores aqui no Rio Grande e fomos eleitos, eu com a maior votação e o Pain que hoje é senador com a segunda votação. Então, fomos os dois constituinte do PT, no Rio Grande do Sul, que nos somamos a banca do PT, lá no congresso constituinte que éramos 16. Mas o

campo mais progressista lá na constituinte de mais de 500 constituintes o campo mais progressista era composto de pessoas de diferentes partidos inclusive do antigo MDB, PMDB digamos, este campo era 2/3 da constituinte, o centrão compôs a maioria lá dentro do Congresso.

Marcos: governador, voltando um pouco no tempo, o senhor falou do movimento das diretas já, que foi um movimento popular muito grande no Brasil, e o senhor também participou deste movimento como representante forte aqui no Rio Grande do Sul, o senhor poderia falar alguma coisa também dentro desta área, a participação nas diretas já que o senhor teve?

Olivio: diretas já era um anseio da população, o fim da ditadura né, os prefeitos, já tínhamos eleitos os primeiros prefeitos, os governadores também, e a presidência da república esta lá num esquema que os militares e o seu grupo de apoio e os civis queriam que a tal de transição lenta, gradual e segura. Não abrir para uma eleição direta para presidente do república e então nós fomos para rua pra dizer não, as eleições tem que ser direta e já e isto se confirmou com uma emenda do Dante de Oliveira que era PMDB do Mato Grosso e que não saiu da cabeça dele, saiu num anseio geral da população dos movimentos e então chegou a hora de ser votado aquela emenda e quem é que ia votar o congresso estava lá. Então, as ruas, digamos coalharam das pessoas dos movimentos sociais de amplos setores das igrejas todas elas, inclusive setores empresariais particularmente de pequenos empreendedores, no campo, na cidade, os trabalhadores, os aposentados, pensionistas, pessoas portadores de deficiências, negros, índios, todos fomos pras ruas com esta demanda eleições diretas já. E, bueno, a grande mídia não acreditou no inicio dessa campanha, fez corpo mole, mas quando viu que a coisa estava engrossando que ali no vale do Anhangabaú em São Paulo já tinha um montão de gente depois lá no Rio de Janeiro na Candelária aqui em Porto Alegre nas outras capitais, cidades medias, cidades pequenas realizando grandes encontros realizando passeatas, seminário ,entidades como OAB, CNBB, não é, as organizações não governamentais, Bueno na hora de votar a proposta das diretas já o congresso derrubou esta proposta frustrou e elaborou o tal de Colégio Eleitoral porque tinha que ter eleições e não podia ser diretas e então inventaram o tal de Colégio Eleitoral. Nós brigamos muito por isso inclusive teve três deputados do PT que foram ao Colégio que foram expulsos por desobedeceram a orientação do Partido e que tinha todo o peso do sentimento do povo que aquilo foi uma enganação a construção daquele Colégio, mas evidente né, nas conjunturas, então a saída que o grupo que comandava o país conseguiu foi esta. E nós tivemos que engolir isso mas imediatamente saímos pra campanha da constituinte. O povo não ficou parado, calado, fomos pra constituinte

com a ideia da constituinte livre, soberana, exclusiva, e bueno, essa campanha também de novo ganhou as ruas com enorme participação popular de todas estas entidades, de todas estas que tinham participado das diretas, mais outras, o movimento engrossou, e de novo o congresso na hora de votar digamos decepou a ideia da constituinte democrática, livre, soberana, exclusiva tornando esta demanda num congresso constituinte. O que é isto, os eleitos foram pra também elaborar a legislação ordinária, o dia dia da política, o toma lá da cá da relação com o executivo. E o presidente era o Sarney que queria um mandato de cinco anos, a maioria da nação queria que ele tivesse um mandato de quatro, e esse interesses conjunturais específicos e até pessoais ou grupais se sobrepuseram aos interesses maior de pensar a constituição com base na historia deste país no seu presente, nas rupturas que tínhamos que fazer. No seu futuro estas coisas ficaram envoltos naqueles negócios do varejo da politica do dia a dia, das pressões e contra pressões do presidente Sarney daquele grupo ali por dentro para que a constituinte não fosse além, do que pra eles eram interessante. Nós tínhamos que lutar por aquilo, quer era importante para o país. Buenos... se elaborou a Constituição nesta formação que eu já falei, o setor mais progressista, mais comprometido com as mudanças, mais sérias, comprometido socialmente. Éramos 1/3 da composição da constituinte. Os conservadores, os que queriam conter avanços, reduzir, digamos a radicalidade democrática, estes se compuseram no centrão né? Em via o Dr. Ulysses e o presidente da república e outras figuras trabalharam aquele espaço e nós junto com ampla mobilização popular porque durante os trabalhos da constituinte, prosseguiu a mobilização popular, muita gente ia a Brasília, se reunia em outros lugares pressionando legitimamente, necessariamente o congresso constituinte, eu acho que graças as estas pressão grande, de baixo pra cima, que se pode contrabalançar esta pressão cotidiana que os grandes grupos de interesses que os grande empresariado na área financeira, na área rural, na área terciária, comércio e mesmo na agroindústria, serviços, os interesses destes grupos poderosos eram articulados para pressionar se possível cada constituinte no dia a dia do trabalho da constituinte. Então, se não fosse a pressão de baixo pra cima, a presença constante dos movimentos sociais populares sobre o Congresso, indo a Brasília ou realizando reunião e convocando os constituintes, fazendo documentos, elaborando propostas, a constituição de 88 não seria a que nós temos hoje, uma Constituição que não é a perfeita, a ideal, mas é um significativo avanço no rumo da consolidação da democracia no nosso pais.

Marcos: Governador, nós tivemos aqui e o senhor participou do grande comício das diretas já e qual foi a sua expectativa de ver mais 200 mil pessoas no largo Glênio Peres e o senhor

dividindo o palanque com o Dr. Ulysses Guimarães e outros grandes da oposição, foi uma emoção muito forte para o senhor naquela oportunidade?

Olivio: sem dúvida, claro, mas nós já víamos de muitas mobilizações, grandes comícios, evidente, aquele foi o maior neste processo, evidente que tudo aquilo incendiava a gente de cidadania, porque a gente via no olhar nos semblantes das pessoas, a milhares, a chama da cidadania, o sonho do que as coisas poderiam estar mudando mesmo para melhor e não passageiramente, então aquilo realmente, uma experiência na vida muito rica, inesquecível.

Marcos: que lições este movimento deixou pra nós governador já que a população foi as ruas o que isso nos ensinou como cidadãos brasileiros quando o povo na época da ditadura realmente encarou e foi de uma forma organizada e até pacífica porque não havia violência?

Olivio: eu acho que o povo se assumindo como sujeito no processo de mudanças e não o povo uma entidade genérica, solta no ar, as pessoas os movimentos sociais a cidadania sendo exercida, a gente brasileira se assumindo sujeito no processo de enorme importância, porque estávamos saindo num regime de ditadura, repressão, violência, concentração de riquezas, de poder na mão de poucos, né? Pra esperança de um país que se transformasse em nação, pátria de todos nós, então tinha um sonho nos acalentando, uma esperança muito grande um desejo de protagonismo intenso. Então eu acho que isso foi uma boa sementeira, isso embora não se conquistasse tudo. Na forma dos conteúdos que eram levantados, no entanto, se semeou muito, o espírito cidadão, a vontade da participação o protagonismo a ideia do controle sobre os estados, os governantes, sobre os governantes pela cidadania ativa, participativa, eu acho um bom resultado, isso é uma sementeira muito valiosa, e isso depois se desdobra nos orçamentos participativos, aquela experiência que nós aqui logo depois da Constituição promulgada em 88, eleições para as prefeituras, eu fui eleito prefeito de Porto Alegre e pude a partir de 89 até 92 trazer a, pra realidade essa possibilidade da participação cidadã na construção do orçamento público, receita e despesa pra definir prioridade de ação de governo. Foi também uma boa sementeira e isso como conquista da cidadania não como doação dos governantes a seus amigos de seu partido, uma conquista cidadã que deve perpassar pelos governos, a cidadania não deve ser um favor de alguém, a cidadania é uma conquista das pessoas que só se realiza na medida em que se sentirem participantes, e em participando serem respeitadas e influírem nos destinos de suas comunidades, municípios, de Estado de seu país, e nos destinos do mundo. Também porque não podemos pensar num outro mundo senão este de injustiças de violência de guerra e de concentração de renda de poder de discriminações. Então nós achamos que a ideia da participação do exercício pleno da

cidadania, digamos foi muito disseminada e frutificou por dentro do processo das eleições diretas da constituinte e não deve neimar, não deve o povo deixar de participar, de exigir de se apresentar como sujeito de um processo que ainda não terminou.

ANEXO 4

Paulo Egon: Entrevista realizada no dia 14 de novembro de 2013, às 9:40 hs. Esta entrevista foi realizada por telefone. O entrevistado reside em Brasília DF.

Marcos: Professor Paulo, qual foi a participação do CPERS na campanha das diretas já?

Paulo: Olha o CPERS teve uma grande participação. Eu só agora estou me dando conta que eu fui presidente da gestão seguinte mais eu nós a diretoria toda teve uma grande participação no movimento das diretas, inclusive com a mobilização eu acho que eu peguei dois períodos, eu não me lembro bem mas acho que eu peguei um período que eu não era presidente e um período como presidente porque o movimento das diretas, ele foi mais, ele não teve, ele teve um período longo né?

Marcos: sim, ele começou em 83 e acabou em 84 com a eleição lá no congresso.

Paulo: aí eu era presidente, em 84 eu fiquei presidente. Eu fui presidente três vezes, agora não lembro bem. Eu fui duas vezes presidente, de 84 a 87 então eu peguei um período. Eu inclusive fiz parte da comissão estadual pelas diretas já.

Marcos: Era o comitê.

Paulo: eu era parte desta comissão do CPERS era um dos protagonistas né. Nós fizemos muita mobilização, muita mobilização, trabalhamos inclusive com aquela mobilização que se faz panfletagens, documentos até foi na época elaborado um chapeuzinho de papel que fazia né. E era uma coisa muita intensa a participação em todo este movimento, uma vez que ele aos poucos foi tomando conta da população, o movimento das diretas. Eu tive uma experiência impar em todo este processo pra mim foi muito importante e tive esta oportunidade de participar.

Marcos: e o senhor lembra a participação e organização do CPERS no grande comício que teve em porto alegre? Como é que foi? Vieram caravanas do interior, foi uma mobilização bonita com os estudantes?

Paulo: foi um enorme comício em frente à prefeitura. E eu me lembro assim a extensão que teve aquele comício e nós na verdade, naquele momento eu não lembro se eu era presidente, faz tanto tempo. Acho que eu me elegi depois.

Marcos: foi em abril de 84.

Paulo: mas eu me lembro porque eu era da diretoria, e assim da diretoria, toda a diretoria participou, os membros da diretoria participaram todos, alguns com mais intensidade como a diretoria tinha vários componentes eu me lembro que alguns tinham mais intensamente participação. E aquele comício foi muito marcante, foi um marco, eu estive presente lá, e foi um marco em todo este movimento ele teve uma enorme participação e o CPERS como sempre ele incentiva a mobilização e participação neste movimento que no final das contas ele acabou dando certo. Eu me lembro que quando eu fiquei presidente, depois é, havia muita preocupação nos próprios movimentos daquela época ainda, isto é importante, havia um resquício da ditadura havia muita preocupação pela minha própria segurança porque a gente conseguiu casualmente naquele período nós tivemos greves né e eu era presidente da greve de 87. Teve uma greve no governo do Jair Soares, uma de 60 dias, depois pegamos o governo Simon 96 dias de greve, foi naquele período dos anos 80. E nesta a primeira greve nós tivemos uma conquista de acordo inteiro nós tivemos um acordo inteiro inclusive com os dois e meio salários mínimos que foi cumprido por dois meses. E então o que o pessoal me dizia, inclusive da minha terra, São Vedelino, eu me lembro muito, assim as pessoas simples, o pessoal que trabalha, agricultores, pequenos agricultores os colonos que trabalhavam lá me diziam, olha Paulo um dia tu vai aparecer numa valeta de madrugada de manhã quando amanhecer o dia tu vai estar numa valeta com a boca cheia de formiga. Então me lembro que era um período difícil, ainda as pessoas podem pensar hoje que este movimento era fácil, pelo menos ele tinha ainda o resquício todos de ameaça da ditadura. Sei que havia dentro dos professores pessoas que tentavam, tinham informações, professoras, as professoras foram extremamente heróicas os professores também. Eu estou falando os trabalhadores da educação em seu conjunto tiveram verdadeiros atos de heroísmo neste período. Mas as professoras eram casadas com o pessoal, ligadas as essas áreas da polícia e coisas, elas traziam informações de que nós estávamos correndo riscos né e daí os próprios professores eu me lembro de algumas assembleias que a gente ia, elas montavam tipo uma segurança em torno da gente. Era uma coisa muito emocionante. Viu este período é absolutamente inesquecível. Porque era um momento que nós estávamos fazendo a história, mas a gente não tinha às vezes literatura pra seguir, nós tínhamos permanentemente que inovar e neste movimento havia muita inovação. Sim, se vocês forem olhar o que acontecia naquelas greves o que o pessoal criava o que acontecia neste período isso era uma coisa indescritível desde a caça aos fantasmas do pessoal que recebia sem trabalhar. Então o pessoal fantasiado de fantasma. Tinha a passeate silenciosa só batendo um bumbo. Tinha a passeata das velas de noite, tu olhava assim aquele pessoal assim aquela enorme passeata. Tinha uma passeata, uma

assembleia, naquele período ali acho que foi logo depois, mas ainda neste período é 87, 86 por aí, no Beira Rio, era 40 mil que nós fizemos no Beira Rio, eu tenho as fotos, no meio do campo do Internacional que ainda hoje é um dos maiores times do mundo né? E então nossas assembleias, o Gingantinho era um verdadeiro templo sagrado do movimento das diretas, porque ali que a gente decidia, tudo era decidido pela categoria.

Marcos: e era um movimento bem participativo, bem popular, porque todos tinham a liberdade de se manifestar. Tinha os núcleos do interior que participavam também.

Paulo: todos os núcleos, isso era uma participação e a decisão eram tomadas a partir dos debates nas escolas, isto é importante, fazia o debate nas escolas dali reunia as regionais os núcleos né? E a partir dos debates nas escolas e nos municípios iam as discussões para os núcleos que compunham vários municípios e essas decisões que eram tomadas vinham para o diretor e de um representante de cada mil para o conselho do CPERS. Daí as grandes decisões eram tomadas em assembleias em enormes assembleias que às vezes nem cabia no Gigantinho que nós tivemos que fazer no Beira Rio com 40 mil. Era um período assim de grande mobilização de muito idealismo eu acho que isso é uma coisa assim fantástica era aquele espírito que a gente não tinha medo de morrer não tinha medo de ameaças porque a gente tinha e até hoje traz uma chama no coração uma força naquilo que a gente acredita é absolutamente indestrutível até que se dizia, não se cala a voz de quem clama por justiça não se cala a voz de quem clama por liberdade. Isso era assim, coisas que a gente vivia, as palavras de ordens, diretas já. As palavras de ordens era muito forte e estavam presente no movimento como um todo. Nós tínhamos neste período profunda reivindicações salariais e nestas reivindicações salariais também trazíamos propostas educacionais e propostas sociais. Quer dizer havia um embasamento inclusive lá na primeira greve que eu coordenei lá anos 80 que eu fui presidente a gente discutia durante a greve na época, como nós éramos a geração ai-5. É a geração onde a ditadura tirou filosofia, sociologia e todas as disciplinas humanistas. Então os currículos ficaram absolutamente empobrecidos, paupérrimos, uma vez que toda a parte humana que é a essência da educação. Não se pode pensar em educação sem pensar na essência do ser humano. Um fundamento filosófico, uma visão de mundo e uma visão da sociedade. Uma leitura da sociedade num entendimento do ser humano. No lugar disso tinha estudos dos problemas brasileiros e outras disciplinas. Eles na verdade queriam fazer uma lavagem cerebral sobre a cabeça das pessoas. E nós vínhamos deste período e o que se fazia, acho que foi um dos períodos mais ricos nós reuníamos com filósofos com pensadores com

sociólogos para discutir o que acontecia no país. Isso era no período das greves e depois já no período da abertura.

Marcos: prof. Paulo voltando um pouquinho no grande comício de abril de 84 em que o CPERS teve uma participação muito grande como o senhor disse. Eu acho interessante também a liderança dos professores sobre os estudantes numa época de repressão como o senhor falou e os estudantes participando.

Paulo: as pessoas não tem ideia hoje, não perde este gancho, hoje quando eu falo eu faço palestras no Brasil faço palestras no exterior já fui chamado para encontros em vários países e hoje quando eu falo as pessoas ficam olhando porque este pessoal mais jovem não tem ideia do que era este período de repressão, os mecanismos que eles tinham de repressão até tortura mental e outros que foram para o exílio. Eu por detalhe estou aqui, às vezes eu digo, eu não era para estar vivo porque tudo o que acontecia em torno da gente, inclusive eles diziam, eles não estão de pegando pela repercussão que teria pelo que CPERS era pelo que o CPERS representa, porque o CPERS nesse movimento teve um papel fundamental pela capacidade de mobilização pela capacidade de ter o apoio de toda a sociedade. Acho que isso é uma coisa muito importante. Até que depois uma greve que nós fizemos nós entramos no palácio às 8:26 para cumprir aquela lei e o palácio ficou fechado o governo fechou o palácio e todos os jornalistas jogaram as suas câmaras seus materiais de trabalho na porta do palácio e teve quase mil entidades da sociedade cível que assinaram o apoio a estes movimentos. E isso mostra a força que tinha o CPERS. Neste comício das diretas que aconteceu ali que teve grandes autoridades na verdade brilhando e que foram as condutoras, lideranças nacionais que conduziram o movimento isso foi um momento épico.

Marcos: e professor é, os estudantes participaram muito neste movimento?

Paulo: os estudantes participavam e havia uma coisa muito forte entre nós. Éramos muito articulados. Então todos os movimentos tinham o apoio e a relação é preciso registrar isso, da entidade dos pais, os pais, eles tinham um grande, agora esqueci do nome.

Marcos: o círculo de pais e mestres.

Paulo: os pais e mestres é uma entidade que é só tu verificar aí na época o presidente era o Juscelino Azambuja, como é que se chamava? Agora me escapou o nome, nacionalmente se chama CONFENAC, mas no RS que tem as entidades nos estados. A entidade dos pais, tinham uma participação muito grande. Era uma entidade muito forte, em todos estes movimentos, veja só, nós éramos unidos pais, alunos e professores nós conseguimos através

desta união forças insuperáveis. São, marcos na história do RS que ficam até hoje, inclusive este movimento aqui em Brasília teve um grupo de professores que fizeram um trabalho de mestrado em outro país e sobre os movimentos no RS e metade do trabalho foi sobre o CPERS. São coisas assim que naquele período houve uma conjuntura favorável, tudo era favorável mas quero dizer assim fico até emocionado pelo envolvimento e pela forma como a categoria se envolveu, essa categoria, ela é o que tem demais precioso neste estado. Se tem alguma coisa trabalhadores da educação do RS são um patrimônio maior que o estado tem são eles que conduziram e conduzem tudo o que o estado pode ter, inclusive como protagonista nos movimentos das diretas.

Marcos: inclusive professor dentro das ideias do CPERS que é uma boa educação de qualidade pública e a luta também de seus profissionais. Sempre é uma questão difícil com os governos e o CPERS sempre com esta bandeira levantada.

Paulo: eu acho, o CPERS, em nenhum momento de toda a sua história se dobrou pra nenhum governo. O CPERS, na sua história, acho que um dos momentos mais fortes da sua história foi no momento mais difícil não se dobrou pra ditadura. Resistiu à ditadura como se diz no Rio Grande, de cola erguida, resistiu a ditadura nos momentos mais obscurantista da história do Brasil. Resistiu e enfrentou a ditadura provocando, sendo um dos protagonistas das diretas junto com todo o movimento. Pelo que sei de sua tese que teve outras lideranças mais proeminentes, que hoje quero manifestar a todas estas lideranças, meu respeito e minha admiração. Acho que a história deveria fazer mais justiça a estas lideranças. Tem que resgatar estas lideranças que construíram um novo país. Esta construção, quando a gente fala no movimento das diretas, que este movimento é muito importante. Observa que o movimento das diretas não terminou, então na minha participação, eu quero dizer, assim o movimento das diretas a construção de uma nação ela está se dando através da história. Nós estamos construindo um novo país até com o resquício como eu falei de um período obscurantista, um período de absoluta noite. Foi uma noite terrível onde muitas coisas terríveis e nefastas aconteceram na escuridão. Morte, perseguições, torturas tudo aconteceu neste período que hoje traz reflexos. Quando eu fui lecionar no curso de pós-graduação, eu lecionei fiz parte de banca de mestrado, pós-graduação certamente eu perguntei aos alunos que vocês para os alunos o que você faz o que você faz nesta passagem neste mundo. Aí eles disseram nós queremos ganhar dinheiro, eu quero não o sei o que. Aí eu percebi assim a minha tristeza profunda.

Pois é vocês nem sabe que vocês são produto de uma geração, vocês são a geração AI-5. Vocês não tem noção da vida. Às vezes nasce, cresce e morre sem pensar o que estão fazendo neste mundo. Porque alguém através da violência, da força, impôs a um povo inteiro a uma população inteira um regime, em que as pessoas, em vez de serem educadas, eles tentavam treinar. Eu gosto também de falar da força daquele movimento, mas também do reflexo que teve ao país porque nós estamos ainda numa democracia ainda na adolescência. Porque naquele período em que nós derrubamos a ditadura um dos maiores orgulhos que eu tenho é ter derrubado a ditadura e eu fiz questão de pegar o meu currículo e habeas data eles tiveram que me dar é um habeas data e lá dizia naquele dia ele estava, coordenou o movimento das diretas, naquele dia ele estava numa reunião numa coordenação das diretas, aquele dia ele estava lá. Eu tenho o meu próprio currículo condenatório que hoje é o meu troféu

Marcos: e para concluir professor Paulo para o senhor como sindicalista e educador o que a campanha das diretas já deixou de lições para nós.

Paulo: talvez seja assim, na educação o importante é que a gente aprenda a partir das coisas positivas. Na educação é importante que a gente possa aprender sempre a partir de exemplos que nos leve ao crescimento. A ditadura apesar de ter sido o pior período de nossa história que eu considero, nós estudamos a história, mesmo nós aprendemos através da ditadura. Ela deixa suas lições. Mas a partir da ditadura nós aprendemos como não dever ser, e a partir disso, nós aprendemos como deve ser. Nós educadores aprendemos a construir, nós educadores, uma nova educação no brasil. Tanto é que da ditadura pra cá eu posso te dizer como exemplo hoje nos começamos a construir Nós começamos a construir projetos de inclusive de mudanças de currículos nas universidades nós em todos os setores, deixa eu te dizer uma coisa fantástica em todos os setores da sociedade tem lideranças como vereadores, prefeitos deputados. Ontem estive falando comigo uma prefeita que foi minha aluna. Dali pra frente o que tem de lideranças, como surgiu novas lideranças, brotaram do movimento, brotaram com novas ideias com novos pensamentos, com uma visão democrática, surgiu uma nova geração. Depois daquilo como se tivesse devastado, um tsunami, terra arrasada, dentro da ditadura, na educação a terra arrasada na educação, de repente brota dali um nova educação.

Um regime em que as pessoas não eram educadas mas para treinar, então eu gosto também de falar na força daquele movimento, dos reflexos.

ANEXO 5

Pedro Simon: Entrevista realizada no dia 04 de novembro de 2013, às 10 hs, na residência do entrevistado.

PEDRO SIMON

Simon: Escolheu como tema de sua tese as diretas já. O Brasil é um país que não tem memória. Daqui a pouco vem o carnaval e a gente esquece tudo. No ano passado foi feita uma pesquisa na Universidade de Brasília, quem foi Ulysses Guimarães. A maioria não sabia se quer que ele havia sido deputado federal por mais de 30 anos em Brasília. Nós vivemos um período dramático que foi a ditadura militar. Foi o período da ditadura no Cone Sul. Paraguai, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. A mais longa foi a brasileira, vinte e tantos anos, 5 generais ditadores nomeados presidentes. Ela foi se agravando na sua violência e na eliminação dos preceitos legais. O AI-5, praticamente o regime brasileiro viveu uma tirania. E a oposição Arena e MDB. Arena era o partido do governo e nessa altura se transformou num imenso partido, porque se tivesse algum cargo, empréstimo no banco qualquer coisa que precisasse ficava na Arena. Ser MDB não só era não ter nenhuma presença em absolutamente nada, mas, como significava cassação, prisão, cadeia, desterro. Se era estudante. Não se tem conhecimento pelo mundo a fora como a legislação 477, um ato institucional que proibia o estudante de estudar. Se o estudante fosse punido, apontado como subversivo, ele durante 5 anos não podia estudar em colégio algum. Então houve um momento em que a oposição era anárquica. Como ia fazer, como organizar? Tinha que nem o Brizola que queria porque queria fazer luta de guerrilha, chegou a ir pra Cuba, recebeu verba de Cuba, iniciou um movimento de guerrilha aqui na fronteira do Brasil e Uruguai só que não dava em nada. Tinha e houve um movimento de sequestro, sequestraram o embaixador americano e um embaixador russo e trocaram por presos políticos. Tinha movimento de guerrilha lá na floresta amazônica no interior, tinha campanha em 1970 na eleição. Não tinha eleição para presidente, era carta marcada. Arena tirou primeiro lugar, voto em branco segundo lugar e lá traz ficou o MDB. Então cada um pensava de um jeito, pensava de uma maneira. Foi quando nós do MDB e foi aqui em Porto Alegre. Foi um momento, e pouca gente se lembra que o ato institucional fechou o Congresso Nacional e fechou todas as assembleias legislativas menos a do Rio Grande do Sul. A do Rio Grande do Sul ficou aberta e durante um longo período, falar em política, discutir política era só no Rio Grande do Sul pois no resto do Brasil era proibido. Foi neste período que nós do MDB do Rio Grande do Sul realizamos um congresso nacional do

MDB aqui em Porto Alegre para discutir o que fazer, porque aquele sistema anárquico e nós do MDB inclusive era muito mal visto. Porque os próprios homens da oposição que queriam luta armada que queriam guerrilha que queriam luta nos desmoralizavam a nós que queríamos combater sem guerras sem lutas dizendo resistência até o ultimo guichê. Dizendo que a gente lá pra receber no fim do mês mas não queria derrubar o governo. E era um coisa interessante a ser salientada, é uma pergunta que pode se fazer hoje a distancia é porque que tinha tanta gente querendo luta armada que nem o Brizola querendo guerra civil querendo tanta coisa e nós éramos contrario? Porque nós estávamos ao par das coisas que estavam acontecendo que existiam. Pessoal que queria a luta armada trazia muito o exemplo de Cuba. Mas eles esqueciam que Cuba é uma ilha, é Cuba se resume na capital, tem a Serra Maestra que o pessoal tá lá em cima e a capital Havana. E quem tomasse conta de Havana ganhava. O Fidel Castro e Tchê Guevara e aquele pessoal todo numa época em que o regime de Havana era uma corrupção total e até o, os americanos estavam meio favorável aquilo, desceram a serra, destruíram o regime e ganharam o governo. E aí os caras queriam fazer a mesma coisa aqui. Mas o Brasil é um continente, já aqui em Porto Alegre quando houve o golpe, 1º de abril, em 1964. O Jango, a última coisa que fez foi vir de Brasília a Porto Alegre porque aqui ele tinha nomeado o comandante do 3º Exército, general Adário, que estava fiel a ele porque o exército no Rio, Minas Gerais e São Paulo tinham aderido ao golpe. Então ele aqui, na minha vida, foi acho, que foi a madrugada, a noite mais trágica que a gente viveu. Primeiro ficamos no aeroporto até uma da madrugada esperando o Jango vir de viagem. Chegando aqui nós fomos para a casa do comandante do 3º exercito e o Brizola e mais gente insistindo em resistir que tínhamos que resistir, que ele tinha vindo na legalidade e tinha dado certo, o Jango tava aqui e nós devíamos resistir. General Adário era favorável a resistir, ele tinha o comando do 3º exército, mas quando nós fomos analisar ele disse que ele tava com Jango, os oficiais do comando do 3º exercito estava com Jango, mas um número muito imenso nos quartéis pelo Brasil e pelo Rio Grande afora estava contra o Jango e a favor da ditadura. Então ele disse que aquilo que o Brizola imaginava em ir rumo ao norte imediatamente não era possível, primeiro nós tínhamos que debelar os núcleos do interior, exércitos fortes pra poder consolidar. Aí que Jango disse o que já sabíamos, os americanos estão com a quarta frota na beira mar no Rio de Janeiro e eles estão ansiosos para que esta rebelião comece porque eles vão intervir. O 4º exercito vai entrar e eles querem fazer uma guerra civil aqui pra fazer o que fizeram no Vietnã na Coréia, rachar o Brasil do norte e Brasil do sul. Isso o embaixador da época Johnson, escreveu um livro onde está escrito isso que eles naquela época se desiludiram porque o Jango não fez resistência, porque não houve a luta, pois eles estavam preparados pra luta pra nos

esmagar e fazer um divisão e daí o Brasil estaria até hoje dividido em Brasil do norte Brasil do sul e não sei o que iria acontecer. Por isso o Jango preferiu ir para o exterior e disse eu não quero ser o responsável por esta tragédia pro nosso país e foi para o exterior. E era esse o argumento que nós do MDB 10 anos depois continuava analisando. Não dava pra fazer essa guerra civil. A igreja estava com eles, o movimento Deus pátria e família. A igreja teve um papel triste naquela época, teve núcleos de resistência, Dom Hélder, mas a cúpula estava lá. A burguesia empresarial estava fechada e feliz da vida, a grande imprensa toda, os grandes jornais as grandes rádios e redes de rádios fechada com eles. Nós não víamos como vencer, então aqui, nós fizemos um congresso em Porto Alegre e reunimos todo o partido em todo o Brasil e debatemos durante 3 dias o que fazíamos o que iríamos fazer. Vamos para o movimento de guerrilha? Vamos para o movimento de sequestro que nem havia acontecido com o embaixador americano e embaixador alemão onde se trocou o embaixador por 60, 70 presos políticos? Mas aí a conclusão final foi a seguinte. O congresso foi feito de oposição mas do MDB, porque tinha 30, 40 instituições de grupos paralelos que lutavam e queriam fazer a luta das mais variadas formas. Então nós decidimos: O MDB não defende nem guerrilha nem luta armada. O MDB defende a resistência popular e através da luta popular reconquistar a democracia. Nós lembrávamos muito principalmente do Gandhi quando ele conquistou a independência da Índia contra a Inglaterra, não indo para a luta armada não dando tiro mas resistindo, descumprindo ordens e terminou ganhando. Então nós tínhamos que estabelecer teses, o que é o MDB? Então nós dizemos o MDB recebe todos. Nós não estamos em condições de dizer isto ou aquilo, tu é contra este governo quer derrubar o governo, entra no MDB mas pra ti participar da luta do MDB é o seguinte. Primeiro diretas já, tem que ter um motivo, primeiro diretas já, segundo fim da tortura, terceiro Assembleia Nacional Constituinte, quarto fim da censura. Quer dizer, era as bandeiras que nós tínhamos que aceitar, nós não podíamos admitir a censura porque a imprensa vivia sobre ela, nós não podia admitir, nós queríamos a anistia. Quer dizer e a primeira destas teses era as diretas já e foi muito interessante pois na eleição de 70 nós ficamos em terceiro lugar depois do voto em branco nas eleições de 74 foi um espetáculo porque aí nós tínhamos a bandeira. Quem fosse sair pro outro lado que saísse mas nós do MDB não. Então o deputado do PMDB do Mato Grosso, Dante de Oliveira, relator da emenda das Diretas, conseguiu as assinaturas necessárias e a partir daí começamos a mobilização. No inicio foi tímido, pequeno, mas depois foi crescendo. No comício em São Paulo no dia do aniversário da cidade mais de 300 mil pessoas gritavam diretas já. Foi quando os carros da Rede Globo foram atacados pelos manifestantes que revoltados porque a globo não havia noticiado nada a respeito do comício.

Apedrejaram, viraram os carros da reportagem. Este fato fez com que a Globo começasse a noticiar as manifestações pelo Brasil. Quando isso aconteceu o povo veio em massa e daí não teve mais como segurar. Quando saiu o resultado da votação no congresso e a emenda das diretas foi derrotada foi uma frustração total. Faltaram 22 votos. Era necessário, a maioria de 3/5 para a emenda passar. A emenda teve uma votação muito grande, foi vencedora mas não conseguiu os 3/5 dos votos para ser aprovada. Eu, lembro do Dr. Ulysses, sentado em uma cadeira de cabeça baixa, preocupado. E agora o que vai ser disse ele. Temo por uma grande revolta popular pois o clima era de vitória. Bem daí restou o Colégio Eleitoral. Todos nós éramos contra esta forma, sempre condenamos o Colégio Eleitoral e agora ter que submeter a ele para concorrer à presidência? Foi quando um grupo dissidente do PDS liderado por Sarney fez uma aliança com a oposição. Tancredo Neves foi escolhido candidato pois era moderado, não atacava os militares e Sarney ficou como vice nesta chapa. E assim derrotamos Paulo Maluf, candidato do governo e após 20 anos de ditadura militar, um civil iria ocupar o cargo de presidente da República. Quando entramos no palácio do planalto, o palácio estava vazio não havia ninguém lá. O Figueiredo tinha saído com toda a sua equipe. Geralmente é a equipe de governo que está saindo é que faz o cerimonial de posse mas eles foram todos embora. Eu disse, levamos tanto tempo para chegar aqui e encontramos tudo vazio. Foi feito tudo às pressas para a cerimonia de posse. Bem daí o Tancredo nos pregou uma peça, ele morreu, não podia morrer. Ele sabia que estava doente, sabia que tinha que fazer uma cirurgia de diverticulite mas saiu a viajar pelo mundo como um guri. Na noite anterior ao dia da posse ele passou mal e foi internado no hospital. Ele estava sendo preparado para a cirurgia e nós no quarto ao lado aguardando e vendo o que a constituição dizia nesta situação. O que eu estava dizendo é que a constituição diz que o vice assume em qualquer impedimento do presidente, doença, morte, licença, férias, viagens, seja o que for. E aí chegou lá na hora, nós estávamos no hospital, o Dr. Tancredo sendo preparado para fazer a cirurgia e nós no outro quarto e entra o Sarney e entra o general Leônidas, ministro do Exército. E aí como é que vamos fazer? Aí ele pede a palavra abre a constituição e lê no artigo: compete ao vice assumir isso, isso, isso e o doutor Ulysses concorda, então tá certo. Então eu disse: posso falar? Peço a palavra. Não, não, já está resolvido, então eu vi que era o Sarney que iria assumir, e o Sarney assumiu. Eu era contra porque o general, realmente o artigo estava correto o vice assume no lugar do presidente em todas as formas, só que o Tancredo ainda não era presidente ele não tinha assumido, se ele não tinha assumido como é que o vice-presidente iria assumir no lugar de quem não tinha assumido, ali quem tinha que assumir era o Dr. Ulysses presidente da Câmara assumia é se o doutor Tancredo se Deus quisesse tivesse melhorado ele voltava e se o

Tancredo morreu, como morreu era nova eleição não era o Sarney que assumira, era nova eleição é verdade que nesta nova eleição o Ulysses não podia ser candidato pois tinha assumido a presidência, aqui alguns dizem que ele não insistiu muito em ser porque queria ser candidato. Mas foi isso que aconteceu, mas justiça seja feita é que o Sarney cumpriu, assumiu, convocou a Assembleia Nacional Constituinte era o que tinha que fazer foi feito, e foi um movimento vitorioso. Você pergunta qual é a minha participação? Modéstia a parte a minha participação foi fazer esta coordenação toda desde o início, como tinha nascido no Rio Grande do Sul a tese os caras meio que gostaram de entregar para o Simon, a comissão executiva, o Simon que se encarregue. Modéstia a parte eu me encarreguei e nós fizemos, foi um grande movimento. Começou assim aqui em Porto Alegre, na rua da praia. Pra nós fazer numa sexta feira às 11 horas na rua da Praia é que nós não tinha muita confiança de que reunisse o povo. Era uma coisa que estava no ar, de repente nós participar do Dr. Ulysses de anti-candidato. Em Santa Catarina já foi bem melhor, no Paraná foi muito boa, Richa era nosso governador do PMDB e fez um belo trabalho e tinha muita gente em Curitiba e aí vieram outros partidos, vieram todo mundo tanto que eu continuei sendo coordenador geral mas aí aparecia todo mundo, todo mundo queria aparecer, deu certo, se tivesse dado errado estourava em mim mas como deu certo a vitória teve vários pais. Mas foi um movimento que realmente deu certo e realmente foi positivo, realmente em torno disso fomos felizes porque os caras não sabiam como começar, qual era a primeira tese a fazer? Quando a gente falou diretas já os caras, pô mas logo esta que é mais difícil! Mas eu disse, não, se não tiver diretas já e se não fizer isso, não vai ser os militares que vão fazer a Anistia, não vai ser os militares que vão terminar com a tortura, não vai ser os militares que vão fazer a liberdade da imprensa, não vão ser os militares que vão tomar estas questões urgentes. Quer dizer nos tínhamos que fazer diretas já e deu certo. Foi um grande movimento que o mundo inteiro respeita. Porque era uma ditadura cruel você sabe o que é 5 generais ditadores entre aspas escolhidos de forma tranquila todo mundo com posse essa coisa toda? Nós tínhamos uma ditadura institucionalizada, inteligente e bem feita. Então um general assume e não sai mais? Fica 5 anos, cai fora e entra outro. Então eles deram um negócio com os atos institucionais. Mas eu acho que talvez foi a história mais bonita da vida do Brasil tenha sido esta. Porque a Independência do Brasil foi de um general, quer dizer, um rei pegou a coroa botou na cabeça do filho e disse põe na tua cabeça antes que outro venha. A República foi um golpe de estado, quer dizer ninguém sabia de nada e de repente foram pra rua botaram Dom Pedro na rua e mandaram embora. Os movimentos sociais, a lei das 8 horas, todas as leis trabalhistas que se tem aí, nos Estados Unidos foi uma luta intensa. Aqui o Dr. Getúlio assinou de cima pra baixo. Até por isso os nossos sindicatos

não tem uma tradição de lutas. Não lutou por coisa nenhuma, lutou pelos excessos para mais horas, aquelas lutas que envolveram os Estados Unidos, aquelas lutas que de salário mínimo, aquela luta de 8 horas, aquelas lutas de respeito de dignidade, aquelas lutas de cima para baixo ditadas pelo Getúlio. As diretas já, não, porque foi pra valer, pois foi tudo contra nós, a igreja com toda a máquina dela, os militares com uma união impressionante, o mundo empresarial unânimes todos eles ali felizes da vida, a mídia da imprensa era uma coisa vergonhosa os grandes jornais as grandes televisão as grande rádios era todo o mundo os americanos e tudo mais ali garantido. Os americanos durante todo o tempo ensinando os brasileiros como a torturar criaram uma escola de tortura em Cuba os caras foram lá aprender garantindo, mantendo. Eu acho que foi a vitória mais bonita que o Brasil, a página mais emocionante da história do Brasil foi esta.

Marcos: E a sua visão senador do comício em Porto Alegre o senhor estava presente também como é que isso tocou o seu coração como o coordenador de tudo isso?

Simon: Nós temos que esclarecer, houve dois comícios em Porto Alegre. O primeiro que eu falo foi só do MDB, foi o primeiro do Brasil, então a esquina de Porto Alegre estava umaimensidão de gente, diretas já, falando, discursando. Depois fizemos uma caminhada em Capão da Canoa e veio muita gente. Depois fomos a Santa Catarina. O outro comício de Porto Alegre, o segundo, aí já veio todo mundo, foi na frente da Prefeitura tava o Brizola, tava o Lula, tava todo mundo, não era só o PMDB, primeiro era do MDB, o segundo era um comício de vitória. Alias quando terminou e quando fomos votar a emenda o clima era de vitória, a euforia era total. Dai os militares cercaram, mas sabe o que é cercar, muitos senadores e deputados não puderam entrar, foram barrados ficaram com medo de entrar e outros ficaram com medo de votar. Mas mesmo assim nós ganhamos, não fizemos a maioria de 3/5, mas a diferença de votos foi enorme considerando que mais de cento e tantos ou ficou com medo ou os militares não deixaram eles votar, é isso.

Marcos: muito obrigado.